

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg



www.BaixesLivro.com

Anton gosta de ler histórias emocionantes e assustadoras. Ele se encanta especialmente com as histórias de vampiros, cujo comportamento é plenamente consciente.



Rüdiger, O Pequeno Vampiro é um vampiro, com pelo menos, cem e cinquenta anos. O fato de ser tão pequeno tem uma razão simples: como uma criança se tornou um vampiro. Sua amizade com Anton começou quando Anton mais uma vez estava em casa sozinho. De repente ali estava o pequeno vampiro sentado no beiral da janela. Anton tremia de medo, mas o vampiro lhe assegurou que já tinha "comido". Na verdade, Anton tinha imaginado vampiros muito mais terríveis e, mas depois que Rüdiger lhe confessou sua predileção por histórias de vampiros e seu medo do escuro, achou muito legal. Desde então, a vida bastante monótona de Anton tornou-se muito emocionante: O Pequeno Vampiro também trouxe um casaco para ele, e voaram juntos ao cemitério e à Cripta Schlottertein. Anton logo encontrou outros membros da família de vampiros.





O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Ana A Desdentada é a irmã mais nova de Rüdiger. Ainda não nasceram seus dentes de vampiro, assim, ela é a única da família de vampiros que se alimenta de leite. "Mas não por muito tempo!" Ela diz. Ela também lê histórias de horror.



Fort Lumpi, irmão mais velho de Rüdiger, é um vampiro muito irascível. Sua voz, às vezes alta, às vezes estridente, mostra que ele está na adolescência. A única coisa ruim é que nunca vai deixar essa situação difícil, porque ele se tornou um vampiro durante a puberdade.



Os pais de Anton não acreditam em vampiros. A mãe de Anton é uma professora, seu pai trabalha em um escritório.



Tia Dorothee é o vampiro mais sanguinário de todos. Encontrá-la depois do pôr-do-sol pode ser mortalmente perigoso.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg



O guardião do cemitério, **Geiermeier**, caça vampiros. Por isso, os vampiros mudaram seus caixões para uma cripta subterrânea. Até à data, Geiermeier não havia sido capaz de encontrar a entrada para a cripta.

O restante dos parentes do Pequeno Vampiro, Anton nunca conheceu pessoalmente. Mas ele viu, uma vez, seus caixões na Cripta Schlotterstein.



O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Cap. I

A coisa na janela

Era sábado: o dia em que seus pais saíam à noite de casa.

— Onde vão hoje? Anton perguntou à tarde, quando sua mãe estava colocando os rolinhos no banheiro.

— Ah, disse a mãe, primeiro iremos ao jantar e depois, talvez, dançar.

— Como poderia? Perguntado Anton.

— Eu ainda não sei — disse a mãe —. É tão importante para você saber?

— Nãoooo, rosnou Anton. Ele preferiu não admitir, que queria assistir ao filme policial que começaria às onze. Mas sua mãe já havia suspeitado.

— Anton, disse, voltando-se para que ele pudesse olhá-la direto nos olhos, você não vai, por acaso, assistir televisão...

— Mas, mamãe — exclamou Anton —, como pensar isso?

Felizmente, sua mãe tinha voltado para a tarefa de frisar o cabelo, de modo que já não podia ver como o rosto do Anton ficar corado.

— Talvez também iremos ao cinema, disse ela. Em qualquer caso, não iremos retornar antes da meia-noite.

Era noite e Anton estava sozinho em casa. Ele estava de pijama, sentado na cama; puxou o cobertor até o queixo e lia “A verdade sobre Frankenstein”. A história acontecia em uma feira anual. Um homem com um casaco preto ondulante acabava de subir ao palco para anunciar o aparecimento do monstro. Em seguida, o alarme tocou. Irritado, Anton ergueu os olhos do livro. Oh! São quase onze anos, havia apenas tempo para ligar a televisão!

Anton pulou da cama e apertou o botão. Em seguida, recostou-se no cobertor e esperou que, lentamente, aparecesse a imagem. Mas ainda passava o programa de esportes.

O quarto estava bastante sombrio e escuro. King Kong, no cartaz na parede, fez uma careta horrível que combinou bem com o humor de Anton: era selvagem e abandonado como o único sobrevivente de um desastre marítimo, náufragos em uma ilha habitada por canibais, no sul. E a cama era a sua toca, macia e quente, e ele poderia se esconder nela e não ser visto. Havia muita comida em frente à entrada da caverna, apenas faltando à água de fogo. Anton pensou, desejando a garrafa de suco de maçã que tinha na geladeira, mas até ali havia um comprido caminho através do escuro corredor! Deveria retornar nadando ao navio, passando ao lado dos tubarões sedentos de sangue que só esperavam suas vítimas? Brrr!! Mas não morriam os náufragos muito mais pela sede que pela fome?

Assim, ele partiu. Ele odiava o corredor com a lâmpada quebrada que ninguém havia trocado! Ele odiava os casacos que balançavam no armário e parecia afogado! E agora ele estava com medo até do coelho dissecado da oficina de sua mãe, embora às vezes ele adorasse assustar as outras crianças.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Ele finalmente chegou à cozinha. Retirou da geladeira uma garrafa de suco de maçã e cortou uma fatia grossa de queijo. Enquanto isso, ele ouvia para ver se o filme policial havia começado. Ele ouviu uma voz feminina. Provavelmente, o locutor anunciando o início do filme. Anton agarrou a garrafa debaixo do braço e correu.

Mas não chegou longe, pois já no corredor percebeu, de repente, que havia algo que não ia bem. Permaneceu parado e escutou atentamente... e de repente soube o que era: já não ouvia a voz da televisão! Isso só podia significar uma coisa: alguém havia entrado em sua casa e tinha desligado a televisão! Anton notou como o coração deu um salto e depois pulsava como louco. E do estômago subiu um estranho formigamento que ficou na garganta. Ante ele surgiram imagens horrorosas: imagens de homens com meias na cabeça, com facas e pistolas, que se introduziam de noite em casas abandonadas para saqueá-las e que atiravam em quem se interpunha em seu caminho! A janela do quarto estava aberta, recordou Anton. O ladrão podia, pois, ter subido pelo balcão dos vizinhos.

De repente, ouviu um ruído: a garrafa de suco de maçã que ele tinha na mão, deixou cair e ela rolou pelo corredor até a porta do quarto. Anton prendeu a respiração e esperou ... Mas nada aconteceu. Será que o ladrão era apenas alucinação? Mas então porque a televisão não estava funcionando?

Ele pegou a garrafa e cautelosamente abriu a porta do seu quarto. Ele sentiu um cheiro estranho e rarefeito como o mofo do porão, e como se tivesse queimado algo. Será que vinha de televisão? Ele rapidamente retirou da tomada. Provavelmente, os fios haviam queimado.

Anton, em seguida, ouviu um ruído estranho que parecia vir da janela. E de repente acreditou ver detrás das cortinas uma sombra que se perfilava na clara luz da lua. Muito lentamente, os joelhos tremendo, aproximou-se na ponta dos pés. O cheiro estranho se tornou mais forte e cheirava como se alguém tivesse queimado uma caixa inteira de fósforos. Além disso, o ruído estranho se tornou mais forte. Anton, de repente ficou como que enraizado...: no parapeito, diante das cortinas que flutuavam na brisa, sentou-se e olhou para algo. Ele parecia tão horrível que Anton pensou que ele ia cair morto. Dois olhos pequenos e injetados em sangue relampejavam frente a ele, de um rosto branco como a cal, um cabelo desgrenhado que caía em longos cachos até uma capa negra suja. A boca gigantesca, vermelha como o sangue, abria-se e fechava, e os dentes que eram extremamente brancos e afiados como facas, chocavam-se com um chiar atroz. Ao Anton lhe arrepiou o cabelo e lhe deteve o sangue nas veias. A coisa da janela era pior que King-Kong, pior que Frankenstein e pior que Drácula! Era o mais espantoso que Anton tinha visto jamais!

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg



A coisa parecia se divertir vendo Anton tremer com medo de morrer, pois sua grande boca fez uma careta horrorosa deixando completamente a mostra suas presas, agudas como agulhas e muito salientes.

— Um vampiro! Gritou Anton.

E ele disse com uma voz que parecia vir das profundezas obscuras da Terra:

— Sim, senhor, um vampiro! — E de um salto tinha entrado já no quarto, colocando-se diante da porta. — Está com medo? — perguntou.

Anton não conseguia proferir nenhum som.

— Bem, você está muito magrelo! Não há muito a tomar, eu acho. O vampiro examinava com um olhar selvagem. Onde estão seus pais?

— No ci ... cinema, gaguejou Anton.

-seja, seja, E seu pai, está são? Tem bom sangue?

Ao dizer isto o vampiro riu para si e Anton viu brilhar as presas à luz da lua.

— Como você certamente sabe, nos alimentamos de sangue!

— Eu tenho um sangue muito ru... ruim —gaguejou Anton—. Sempre tenho que tomar p... P... pílulas.

— Coitadinho!

O vampiro deu um passo em direção a Anton.

— Isso é verdade também?

— Não me toque! Anton gritou, tentando se afastar. Chocou-se precisamente com o saco de gomas de ursinho que estavam diante de sua cama e elas rolaram pelo tapete. O vampiro soltou uma gargalhada. Parecia um trovão.

— Olha, goma de ursinho, disse suavemente, como é bonito! Ele pegou uma goma de ursinho. Antes eu também sempre tinha alguns — sussurrou —, ganhava de minha avó.

Ela colocou as jujubas em sua boca e mastigou de um lado para o outro por um tempo. De repente, ele cuspiu, jogando em um grande arco, e começou a tossir e a

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

gritar. Ao mesmo tempo proferia os mais espantosos juramentos e maldições. Anton aproveitou a oportunidade para se abrigar atrás da mesa. Mas o vampiro ficou tão fraco pela tosse que afundou na cama e não se moveu por alguns minutos. Em seguida, ele tirou de debaixo do casaco um grande lenço manchado de sangue e limpou o nariz com cuidado.

— Isso só acontece comigo, ele chorou. Mamãe tinha me advertido categoricamente.

— Por que avisou? Anton perguntou curioso. Atrás de sua mesa ele se sentia bem melhor.

O vampiro olhou para ele com raiva.

— Porque eu, como um vampiro que sou, tenho um estômago sensível, seu tolo! A doçura é um veneno para nós.

Uma verdadeira vergonha dado Anton.

— Pode agüentar então suco de maçã? Quiz saber.

O vampiro gritou de horror.

— Você quer me envenenar? — Rugiu.

— Perdoe-me, por favor, disse Anton tímido, só pensei que ...

— Tudo bem.

Aparentemente, o vampiro não tinha tomado o caminho errado. "É realmente um vampiro muito agradável, pensou Anton, embora pareça tão terrível." De qualquer forma, ele havia imaginado que vampiros eram mais horríveis.

— Você é velho? Ele perguntou.

— Antigo.

— Mas você é muito menor do que eu ...

— E daí? É que morri quando era uma criança.

— Ah, vá. Com isso não tinha contado Anton.

—E já está..., quero dizer, também tem uma tumba?

O vampiro reprimiu a risada.

—E pode me visitar quando quiser. Mas só depois do pôr-do-sol Durante o dia dormimos.

Eu sei, vangloriou-se Anton. Até que em fim podia mostrar que sabia tudo sobre vampiros—. Quando os vampiros se expõem ao sol morrem. Por isso, que a noite têm que se apressar para estar de volta a sua tumba antes de um novo amanhecer.

—Um menino preparado — disse sarcasticamente o vampiro.

—E quando se sabe onde jaz algum, deve lhe atravessar o coração com uma estaca de madeira! —prosseguiu Anton.

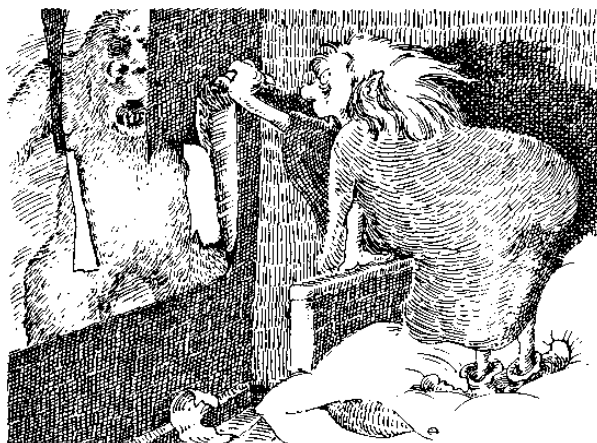
O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Isso não deveria ter sido dito, pois o vampiro prorrompeu em um bramido dilacerador e se equilibrou sobre o Anton. Mas Anton foi mais rápido. Com a velocidade de um raio deslizou por debaixo da mesa e se apressou para a porta, seguido de perto pelo vampiro que bufava de coragem. Pouco antes da porta o vampiro o tinha alcançado.

— Agora acabou, pensou Anton, eu vou morrer!

Seu corpo inteiro tremeu. O vampiro estava de pé diante dele ofegante. Seus dentes faziam um terrível barulho e seus olhos brilhavam como brasas. Agarrou Anton e o sacudiu.



— Se você falar novamente em estaca de madeira, gritou: você pode fazer o seu testamento, entendeu?

— Sss... sim —gaguejou Anton—. Não... não queria te incomodar absolutamente, de verdade que não.

— Sente-se! Disse o vampiro abruptamente.

Anton obedeceu e o vampiro começou a andar de um lado para outro no quarto.

— O que eu faço com você agora? Exclamou.

— Pois nós poderíamos ouvir discos, sugeriu Anton.

— Não! Gritou o vampiro.

— Ou jogar «diabólico».

— Não!

— Ou devo mostrar meus postais?

— Não, não, e outra vez não!

— Então nada mais me ocorre —disse desconcertado Anton.

O vampiro se ficou parado diante do pôster do King—Kong. Escapou-lhe um grito selvagem.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— O macaco! Rosnou arrebatando a pintura da parede e quebrando em mil pedaços.

— Isso é uma canalhice, protestou Anton, meu pôster favorito ...

— Bom, e o que? —vaiou o vampiro.

Agora tinha descoberto os livros do King-Kong na estante e fazia revoar página por página, rasgadas pela metade, para a cama.

— Meus livros, Anton gritou, todos adquiridos com as gorjetas!

De repente, o vampiro fez uma pausa, um sorriso de satisfação tomou conta de seu rosto.

— Drácula! ... Ele leu em voz baixa. Meu livro favorito!

Anton olhou com os olhos brilhando.

— Posso pegar emprestado?

— Por mim... Mas terá que devolvê-lo, entendido.

— Claro que sim.

Satisfeito, meteu o livro sob a capa.

— Por certo, como se chama?

— Anton. E você?

— Rüdiger.

— Rüdiger?

Anton esteve a ponto de rolar de rir, mas pôde reprimir-se a tempo. Em definitivo, não queria voltar a encolerizar ao vampiro.

—Pois é um nome bonito — disse.

— Você acha? Perguntou o vampiro.

— Realmente. E é muito apropriado.

O vampiro pareceu muito lisonjeado.

— Bem, Anton também é um nome bonito.

— Não acredito absolutamente — disse Anton—, no colégio sempre riem quando o ouvem. Mas meu pai também se Anton, sabe?

— Ah, bem.

— E o nome do meu avô foi Anton. Como se isso importasse para mim!

—Realmente, até agora também eu tinha encontrado sempre Rüdiger bastante estúpido — disse o vampiro. — Mas a gente se acostuma.

— Sim, acostuma-se com isso, suspirou Anton.

— Diga-me, você fica muitas vezes sozinho em casa? Perguntou o vampiro.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Todos os sábados.

— E você não tem medo?

— Sim.

— Eu também. Especialmente no escuro, disse o vampiro. Meu pai sempre dizia:

"Rüdiger, você não é um vampiro, é uma galinha!".

Eles se olharam e riram.

— Seu pai é um vampiro? Perguntado Anton.

— Sim! Disse o vampiro. O que você pensava?

— E sua mãe também?

— Céus! Toda sua família?

— Toda minha família! —disse o vampiro cheio de orgulho.

— Minha família é completamente normal —disse tristemente Anton—Meu pai trabalha em um escritório, minha mãe é professora e irmãos eu não tenho..., pode imaginar quão aborrecida é nossa casa.

O vampiro olhou simpático e disse:

— Em nossa casa sempre há alguma coisa acontecendo.

— O quê? Conte-me! — Por fim ouviria uma autêntica história de vampiros!

— Bem, disse o vampiro, foi no inverno passado. Você ainda se lembra como estava frio ...? Bem, nós acordamos, o sol acabava de chegar. Então eu estava com uma fome terrível e queria levantar a tampa do caixão, mas não pude! Eu bati contra ele com os punhos, empurrei com os pés... nada! Eu ouvia meus familiares lutando igualmente em seus caixões. E imagine: por duas noites seguidas não conseguíamos abrir os caixões! Então, finalmente começou a descongelar e pudemos abrir as tampas com os maiores esforços do mundo. Estávamos quase mortos de fome! Mas isto não é absolutamente nada em comparação com o assunto do guardião do cemitério. Quer ouvi sobre ele também?

— Claro!

— Bem, isso aconteceu em um... Começou o vampiro, mas parou de repente. Você está ouvindo alguma coisa? Ele sussurrou.

— Sim, disse Anton.

Um carro se aproximou e parou. Soaram as portas do carro.

— Meus pais! Anton disse assustado.

Com um salto o vampiro estava no peitoril da janela.

— E o meu livro? Resolveu lhe perguntar Anton. Quando ...?

Mas o vampiro já tinha estendido o seu manto e pairava no ar: uma sombra escura ante o claro halo da lua.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Logo, Anton fechou as cortinas e deslizou sob as cobertas. Ele ouviu a porta da casa e seu pai dizendo:

— Você vê Helga. Tudo tranquilo.

Segundos mais tarde, Anton já estava dormindo.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Cap. II

Sabedoria dos pais

Aquela noite Anton teve um sonho: estava sozinho em uma planície infinita, e corria! Não conseguia achar nada em parte alguma nem sequer o rastro de uma moradia humana; não havia ruas nem caminhos; apenas alguns arbustos secos espalhar seus galhos para o céu negro. Gigantescas crateras se abriam na terra coberta de cinza e escória. Por toda parte havia ossos, brilhantes e grandes ossos, e ao correr entre eles Anton estava cheio de pavor porque sentia que era o destino que o aguardava!

E de repente, enquanto corria, notou que algo tinha começado a persegui-lo! Não se atrevia a olhar para trás para ver o que era. Ofegando e assobiando se aproximava cada vez mais. Apenas uns poucos metros o separa de Anton. Então se viu diante de uma montanha. Se ele conseguisse chegar até lá estaria salvo!

O grito horrível de seu perseguidor ficou mais forte. Ele podia sentir o bafo quente do monstro nas costas. Mais uma vez Anton reuniu todas as suas forças e correu... Mas em vão! Com um grito ele caiu no chão e ficou deitado imóvel, de olhos bem fechados. Agora... agora sim o monstro o havia alcançado.

— Olá, Anton, disse uma voz rouca e muito familiar, corre como se o perseguisse o diabo em pessoa!

Seguiu uma risada gutural, rouca e ressonante, e em realidade..., era o pequeno vampiro que estava agachado ao lado dele. Seus poderosos e brancos dentes resplandeciam.

— E eu só queria contar a história da guarda do cemitério, riu de novo.

—Ah, isso! — disse Anton sacudindo, envergonhado o pó das calças.

—Pois bem — disse o vampiro—, era uma terça-feira, e aquela terça-feira era, precisamente, treze!

Continuou, pois, naquele momento, uma voz interrompia.

— Anton, tomar o café da manhã! Exclamou o pai.

— Sim, rosnou sonolentemente Anton.

— O que você pensa realmente sobre vampiros? perguntou Anton quando estava sentado à mesa do café da manhã passando mel no pão.

Embora parecesse que estivesse ocupado em besuntar o pão, observava, não obstante, muito atentamente as caras de seus pais. Em primeiro lugar trocaram um olhar de surpresa, depois começaram a fazer gestos. “Não me levem a sério, pensou Anton, realmente pensam que eu sou um garoto. Se eles soubessem! ”

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg



— Vampiros, disse a mãe, reprimindo um sorriso. E por que disso?

— Ah — disse Anton—. Antigamente havia, entretanto, alguns.

— Antigamente, disse o pai. Então, as pessoas acreditavam nas coisas mais absurdas. Por exemplo, em bruxas.

— Halloween! Anton repetiu com desdém.

— Outros acreditavam em anões, em fantasmas, fadas... Disse a mãe.

— Você esqueceu o Papai Noel, disse Anton irritado, e virou-se tão violentamente que seu copo de chocolate salpicou a toalha. Mas eu vou dizer uma coisa: vampiro é completamente, completamente diferente.

— Ah, sim? —disse zombador o pai.

— Sim, senhor! Disse Anton. E quem pensa que os vampiros existem apenas nos livros ...

— ... Ou festas a fantasia, riu sua mãe por dentro.

— ... Esse está cego ou surdo — continuou Anton elevando a voz; fez depois uma pausa e, finalmente, disse em voz baixa e misteriosa —: Ou é muito, muito mal-avisado!

— Dá-me autêntico medo — riu a mãe.

— Que estranho que não tenhamos encontrado algum, não? —disse o pai dirigindo-se à mãe.

— Ai — disse Anton de bom humor —, isso acontece, algumas vezes, antes do que alguém espere.

— Seriamente? — exclamou a mãe com um sobressalto fingido.

— Logo verá — disse Anton, metendo na boca o resto de seu pão.

— Eu só vejo o meu copo vazio, riu a mãe, por favor me sirva mais chá, Anton.

O pai se levantou e pegou o bule. Ao servir piscou para a mãe.

“Já pararam de rir”, pensou Anton. Satisfeito, recostou-se em sua cadeira e pensou no sábado seguinte.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Cap. III

A ponta misteriosa

Sábado começou como de costume. Após café da manhã, o pai foi fazer compras. A mãe lavou o cabelo, e agora estava empenhada em secá-lo. Anton a ajudava nisso.

— Vão de novo ao cinema? —perguntou com acentuado desinteresse enquanto conectava na tomada de atrás do sofá a extensão.

— Pode ser — disse a mãe —, mas possivelmente seu pai tenha que ir outra vez ao escritório.

— Ao escritório outra vez? — exclamou Anton estupefato.

— Bom — disse a mãe colocando o secador sobre a cabeça—, não importa. Tampouco posso ir sem ele ao cinema.

— Ah, bom — disse aliviado Anton.

Ao pensar que sua mãe pudesse ficar em casa lhe tinha dado um frio na espinha, pois, definitivamente, esperava visita!

A mãe, por sua vez, ligou o secador e para fugir do barulho Anton se refugiou em seu quarto, onde tinha tudo preparado para o visitante da noite. Tinham retirado das prateleiras os livros que pudessem desagradar o vampiro: os dois últimos volumes de King-Kong, Tarzan e livros de quadrinhos do Superman. Em seu lugar havia agora dois livros novos: um em que uma massa negra parecida com um morcego gigante, levava em letras vermelhas brilhantes o título “Vampiros: As doze histórias mais terríveis”. O outro, com uma encadernação lilás, chamava-se “A vingança da Drácula”. Anton tinha colocado os dois livros de forma que o vampiro tivesse que necessariamente vê-los. Pendurado no armário havia um pôster que Anton tinha pintado na noite anterior. Mostrava a um vampiro no exato momento em que levantava da tumba. Particularmente Anton havia conseguido focar o rosto, pálido como o de um morto, com os olhos escurecidos de negro ao seu redor e a boca vermelha, já meio aberta, da qual saíam as presas agudas como facas.

— Liuh! ", Gritou a mãe ao descobrir a pintura. Você tem que pintar estas coisas horríveis?

—Como assim horríveis? —tinha respondido Anton enquanto repintava cuidadosamente os dentes com algo de branco opaco para que brilhassem com mais força ainda.

— Mas olhe essa cara! Exclamou a mãe. Com isso você vai ter pesadelos!

"Certamente o vampiro vai gostar", consolou-se Anton.

Satisfeito, observava agora sua obra. Também os túmulos do fundo, com suas lápides inclinadas e suas cruzes, criavam um ambiente admiravelmente horripilante!

Deveria incluir possivelmente um par de morcegos? Realmente eram difíceis de pintar. Tirou da estante o livro com as doze histórias mais terríveis de vampiros e observou o morcego da capa. Era repugnante, e também ia bem, em seu quadro..., mas Anton preferiu adiar a decisão até o dia seguinte e, em seguida, atirou-se confortavelmente em sua cama.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Ele tinha começado a ler a primeira história do livro no dia anterior. Foi uma festa a fantasia em que os convidados foram presenteados com todos os trajes que se pode imaginar... e uma tinha ido como um vampiro. Seu disfarce era tão bom que todos fugiram e ficaram com medo dele. Quando à meia-noite eles tiveram que remover seus disfarces, ele ficou como era, e de repente todo mundo percebeu que... não estava disfarçado absolutamente!

Enquanto estava lendo Anton, seu pai voltou, o telefone tocou duas vezes, o aspirador zumbiu, correu água na banheira... Anton, mas não se incomodou com nada. Só ao ressonar um potente e prolongado grito de dor levantou os olhos de sua história e escutou com atenção.

"Foi em nossa casa?" pensou.

— Meu pé! Ouviu então queixar-se a sua mãe

— Mas, bem, porque você subiu na cadeira dobrável? disse o pai. Não temos a escada?

— Sim, — disse zangada a mãe—, agora, já é muito tarde!

— Tente andar.

— Ai!

— Mova seu pé.

— Eu não posso!

— Tem alguma coisa errada, mãe? Anton gritou do corredor.

— Sim, eu torci o pé, respondeu a mãe.

— É sério? Perguntou Anton.

— Sim, disse a mãe, no momento eu não posso apoiá-lo no chão.

Anton ouviu sua mãe mancando pelo corredor até a sala e, enquanto ele se levantava e virava-se para colocar o livro na prateleira, pensou se ela poderia ir ao cinema com um pé torcido ... "Depende", pensou. Se for o pé direito... com ele simplesmente pode pisar no acelerador..."

Mas era o pé esquerdo que a mãe tinha apoiado em cima da cadeira e o que observava com um olhar de dor.

— Que má sorte, disse ela, agora vai ficar completamente inchado!

— Você poderia colocar compressas frias, sugeriu Anton.

— Uma boa idéia boa, disse o pai.

— Vou na farmácia? perguntou Anton.

— Seria muito amável de você! Alegrou-se a mãe.

— Cara, é óbvio, disse Anton.

— Bem, resmungou o pai, é discutível, claro. Ainda me lembro quando você...

— Parem de criticar, interrompeu a mãe. A Anton ele disse: Pergunta, por favor, o que é melhor para entorses.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

O fato é que Anton passou a noite enrolando o tornozelo de sua mãe em panos frios embebido em acetato de alumínio. Há muito o seu pai tinha ido ao escritório e disse Anton pela décima vez:

— Muuuuito certo agora o seu pé está melhor!

— Eu tenho a impressão de que deseja se livrar de mim esta noite, disse a mãe.

— E por que não? Anton disse, tentando dar a sua voz um tom de indignação.

— Bom — disse a mãe rindo —, de papai não tem nada que temer está no escritório. Mas comigo não tinha contado e agora tenta me curar de todas as maneiras.

— Mas, mãe... , disse Anton.

Mas o seu protesto não foi convincente.

—Seja como for..., já me decidi de todas as maneiras — acrescentou sorrindo a mãe — Fico em casa!

Anton notou como ficava pálido.

— Quer saber? Nós vamos passar uma noite agradável, nós dois!

De repente, Anton ficou com nó tão grande na garganta que não conseguia articular nenhum som.

— Anton, disse a mãe, você acha muito ruim?

— Nnn ... Não, gaguejou.

— Nós faremos chá, jogaremos “diabólico”... Ah, mas é fantástico! Ela disse entusiasmada. Ou você pode assistir televisão, se quiser. É por isso que você estava tão assustado? Você está pensando que eu não o deixaria assistir televisão?

— Não, disse Anton suavemente.

— O que é então?

— Nada — murmurou olhando pela janela: já começava a escurecer!—. Vou para o quarto — disse —, quero ler.

Agora, naturalmente, tinha estragado tudo! Se somente soubesse como poderia impedir que o vampiro...! Se eu tivesse só uma chance de me comunicar com ele! Anton caiu sobre sua cama e enterrou a cabeça debaixo das cobertas.

Ele se sentiu abandonado por todos, desamparado e triste. Ele esperando a semana toda por esta noite!

Em seguida, bateram na janela... a princípio tão suavemente que Anton pensou que estava errado. Mas então voltaram a bater, e como se atingido por um raio pulou da cama, correu para a janela e puxou as cortinas para o lado, sentado no parapeito estava o vampiro! Sorrindo e acenando para Anton para deixá-lo entrar. Com uma rápida olhada atrás Anton se assegurou de que a porta de seu quarto seguia fechada, como antes, em seguida, abriu a janela. O seu coração batia mais rápido e forte, e suas mãos tremeram quando ele levantou o trinco.

—Olá — disse o vampiro —, me alegre de vê-lo.

—Pssst! — sussurrou Anton —. O inimigo está à espreita!

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

—Ah, vá — disse o vampiro.

—Minha mãe — sussurrou Anton — torceu o pé.

Realmente o vampiro não parecia estar especialmente intranquilo. Mas bem olhava com olhos resplandecentes à porta e se lambia.

— Você não vai talvez a...? Anton gaguejou.

A suspeita que surgiu de repente nele, era tão horrível que não se atreveu a expressá-la. Mas o vampiro o tinha entendido. Pôs cara de morto de calor e disse:

— Não, não, não se preocupe. Além disso, já comi.

Ao mesmo tempo soltou uma sonora gargalhada que fez Anton estremecer-se de horror.

Nesse momento, o vampiro olhou os livros.

— “Vampiros: As doze histórias mais terríveis” — leu, e agradavelmente surpreso perguntou—: É novo?

Anton assentiu.

— E esse daí também: “A vingança do Drácula”.

— “A vingança do Drácula”?

O vampiro tomou quase com ternura o livro nas mãos.

— Isso soa bem!

— Você trouxe o outro? Perguntou Anton.

— Ahem... , disse o vampiro tossindo confuso—, está com minha irmã agora.

— Sua irmã mais nova? disse Anton.

— Bom... já lhe devolverei. Suplicou-me tanto que não pude negar.

— E enquanto guardava rapidamente sob sua capa “A vingança da Drácula”, disse, a semana que vem trarei os dois.

— Tudo bem, disse Anton. Certo, o que você acha da minha pintura?

Ele apontou orgulhosamente o cartaz do armário.

— Você fez?

O vampiro contraiu os lábios num gesto de aprovação.

— Não é ruim.

— O que você acha do vampiro?

— Bem! Mas talvez a boca esteja muito vermelha.

— Muito vermelha? Mas a sua também é vermelha!

—Bom, sim —disse o vampiro tossindo—, é que eu havia... comido.

—Ah, vá — murmurou Anton —, isso, claro, não sabia. Mas posso pintar por cima outra vez — disse.

De repente ouviu que a porta da sala de estar se abria.

—Minha mãe! —exclamou—. Rápido, dentro do armário!

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Mas por quê? Perguntou o vampiro querendo sair pela janela. Eu também posso ...

— Não, não, disse Anton, ela vai sair imediatamente.

Então bateram na porta de Anton.

— Anton, disse a mãe, tomaremos o chá?

— Ah, disse Anton, enquanto ia para a porta e pensava, ao mesmo tempo, numa desculpa, não tenho sede.

Ele abriu a porta apenas uma fresta.

— E o “diabólico”? O que você acha?

— Meu livro está nestes momentos tão interessante...

— Anton, disse a mãe com voz preocupada tentando espiar o quarto por cima de sua cabeça, você não está doente? Você está doente?

— Por que você diz isso?

— Há um cheiro no seu quarto, tão estranho... Anton, você estava brincando com fósforos?

— Euuuu...? Anton exclamou indignado. Não!

Olhou desconfiada a redor, mas, claramente, não pôde descobrir nada em particular. Logo seu olhar caiu sobre o armário e com a exclamação:

— Sim, e isto o que é?, Agarrou a misteriosa ponta de tecido negro que sobressaía da porta fechada do armário e a puxou.

— Ai! Gritou uma voz abafada de dentro do armário. Minha capa!

Anton virou branco como giz.

— Um amigo meu, se colocando rapidamente enfrente a porta do armário para protegê-la.

— E por que ele está no armário? Perguntou a mãe.

— Porque ... é um pouco fotofóbico.

— Seja , fotofóbico —disse a mãe—; apesar disso eu gostaria de vê-lo.

— Não, isso é impossível.

— Por quê?

— Porque ... hoje está com seu traje de Carnaval.

— Com seu traje de Carnaval?, Riu sua mãe. Bem, essa é outra razão para vê-lo!

Pergunte se ele quer tomar chá com a gente!

Anton balançou a cabeça.

— Claro que não quer. Não toma precisamente... chá.

— Não? Então o que?

Procedente do armário se ouviu um forte grasnido.

—Bebe possivelmente... suco? —perguntou a mãe.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

—Se estiver muito vermelho! —grunhiu o vampiro do armário.

A mãe se sobressaltou.

—Suco vermelho não tenho —disse—, mas sim refrigerante.

—Refrigerante..., puff! —bufou o vampiro.

—Bem, pois então nada —disse ofendida a mãe—. Vou preparar o chá.

Dito isto, saiu mancando em direção à porta.

Logo que tinha desaparecido, quando o vampiro saiu do armário cambaleando e tomando ar. Seu rosto estava ainda mais pálido que de costume e seus dentes batiam uns contra os outros horivelmente alto.

— E agora? Perguntado Anton, que andava de um lado para o outro pelo quarto.

— Eu vou voar! disse o vampiro com uma voz do além.



— Se você me deixar na mão - disse Anton. O que vou dizer a minha mãe quando ela pergunta onde você está?

— Diga-lhe que... —começou o vampiro; mas então ambos ouviram outra vez os passos da mãe no corredor.

— Você vem? Ele perguntou.

Sem outra palavra vampiro levantou no ar e voou para longe.

— Onde está seu amigo? Perguntou a mãe na porta, surpresa.

— Ele ..., er, disse Anton, ele já foi para o carnaval.

— No buraco? Ele foi surpreendido pela mãe. No meio do verão?

— Porque não? Murmurou Anton.

A mãe olhou-o desconfiada.

— Amigos estranhos que você tem — disse

— Porque amigos? Rosnou Anton. Esse era só um.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Mas que um!, Riu sua mãe. Espero podê-lo ver fora do armário da próxima vez! Por certo, não o ouvi saindo, em absoluto.

— É que é muito discreto — disse Anton. “Buff — pensou —, agora perguntará por que ao chegar não tocou a campainha. E o que lhe digo então?”

Mas, felizmente, tocou naquele exato momento o ponteiro dos minutos do relógio da cozinha.

— Oh! Exclamou a mãe. O chá está pronto. Você vem?

Anton assentiu.

— Grande, disse ela, e não se esqueça de fechar a janela. Senão você terá pernilongos no quarto.

— Ou vampiros, disse Anton, mas isto sua mãe já não ouviu.

Anton se aproximou tristemente da janela. E isto tinha sido seu sábado, o sábado que tanto tinha esperado! Enfim, possivelmente, na próxima semana seria melhor! Fechou a janela e correu as cortinas.

— Já vou — exclamou —, e, além disso, levo o “Diabólico”!

Enquanto tomavam o chá sua mãe perguntou:

— Do que se disfarçou seu amigo?

— Ah, ele; disfarçou-se de..., né... — murmurou Anton pigarreando larga e continuamente —, ou seja, ele ia... — Devia dizer a verdade? De todos os modos, sua mãe não lhe ia acreditar.

Ela riu.

— Será que é tão difícil de explicar?

— De certa forma, sim, disse Anton. Bem, ele foi de... Vampiro!

— Vampiro? — exclamou a mãe rompendo em uma efusiva gargalhada —. Que pena eu não o tenha visto!

— Seguro que voltará a colocar o disfarce — disse Anton para consolá-la. E ficando alegre de repente acrescentou—: E mais, é certo que o está usando quase sempre.

Mas a mãe não acreditou nele. Só riu ainda mais alto exclamando:

— Definitivamente, Anton, você lê muitas histórias de horror! Agora só falta me dizer que não passou pela porta, mas saiu voando!

— Bem, se você sabe... , Disse Anton. Os adultos sempre acham que são os senhores da sabedoria!

— Mas Anton, disse a mãe conciliadora, não vamos discutir sobre vampiros! Vem, vamos jogar o "diabólico", ok?

— Sim, murmurou Anton. Acaso ele queria brigar pelos vampiros?

Suspirando colocou o tabuleiro, repartiu as fichas e ofereceu o dado à mãe.

— Sua vez.

— Por que eu?

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— O mais fraco começa.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Cap. IV

A segunda capa

— Anton, perguntou à mãe no dia seguinte, o seu amigo vai vir hoje?

Os pais queriam ir essa noite ao teatro e por isso se vestiram especialmente elegantes: a mãe levava o vestido brilhante com decote acentuado e o pai seu traje de veludo e a gravata de seda.

Anton, que estava esperando na porta de casa para dizer adeus, tossiu e disse timidamente:

— Humm, possivelmente..., quer dizer, caso não vá ao carnaval...

— Como? Exclamou o pai. Quem vai para o carnaval?

Disse sua mãe brincando:

— O novo amigo de Anton. Parece que comemora o carnaval o ano todo.

Incompreensão na face do pai.

— Você sabe? O traje? Riu a mãe. O vampiro!

Agora, o pai tinha um olhar tão estupefato que Anton teve vontade de rir. Mas preferiu controlar-se..., se não ia haver bronca e talvez seu pai ficasse em casa pelo desgosto! Pois quem sabe que idéias passam pela cabeça dos adultos?

— Em qualquer caso, disse a mãe de Anton, queríamos conhecer logo seu amigo. E seus pais, naturalmente, também.

— Seus pais? Disse Anton.

— Claro, disse a mãe, nós queremos saber quem são as amizades do nosso filho.

— Mas eu não sou amigo dos pais! Disse Anton.

— Enfim! Disse a mãe. Certo, onde vive seu amigo?

— Temos que ir — interrompeu o pai—. Vamos, Helga!

— Sim, sim, em seguida, disse a mãe.

Anton, que já tinha esperanças de haver economizado a resposta, começou a gaguejar:

— Então, ele, sim, ele vive ao lado do ce ... cemitério.

— Onde? —exclamou assustada a mãe; mas o pai tomou brandamente seu braço e a levou consigo para a escada.

—Não deixe-o te provocar — riu ele —; Onde você já viu alguma coisa? Carnaval no verão, vampiros, cemitério!

No patamar da escada, ele virou e disse adeus.

— Tchau, Anton!

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

A mãe também disse adeus com a mão, mas parecia inquieta e pensativa. Suspeitaria de algo?

Anton fechou a porta e foi para seu quarto. Através da janela ele pode ver quando seus pais entraram no carro e arrancavam.

Que Rüdiger não o fizesse esperar!

Entretanto, o sol se pôs. A lua estava no céu, grande e redonda.

Na rua, seis andares abaixo, as luzes foram acesas. Uma mariposa grande e negra revoava ali, aproximou-se lentamente e começou a subir com grandes impulsos até que esteve à altura da janela. Nesse momento se produziu nela uma estranha transformação: em primeiro lugar apareceram dois pés sob as asas, depois apareceram duas mãos e, finalmente, viu Anton uma horrorosa cabeça que lhe era muito familiar. Era o pequeno vampiro, que agora aterrissava com um hábil giro junto ao Anton no suporte da janela.

— Cara, você me assustou! Anton bufou.

— Como homem? Respondeu o vampiro sacudindo-se.

— Você voa assim sempre, como uma mariposa? Perguntado Anton.

— O quê? Disse o vampiro, seus olhos brilhavam de raiva. Isso não era mariposa, era um morcego!

—Ah, vá! —disse incomodado Anton. Sempre tinha que dar um fora!

Mas o vampiro não era rancoroso. Já tinha posto de novo uma cara amigável; tanto como lhe era possível, sendo um vampiro.

— Você está sozinho? Ele perguntou.

Anton assentiu.

— Trouxe-lhe uma coisa!

E de sob sua capa tirou outra de igual corte e cor. Era uma autêntica capa de vampiro, reconheceu Anton estremecendo ao ver as muitas manchas de sangue e o aroma de terra úmida, madeira podre e rançoso ar de tumba.

— Use-a, sussurrou o vampiro.

— O que eu devo vestir? Anton perguntou com uma voz tímida.

— Venha!

— Sim, mas ... Murmurou Anton.

Veio-lhe a mente a história da festa à fantasia. Será que ele se tornaria um vampiro se colocasse a capa? Nas histórias que ele havia lido, as vítimas deviam ser mordidas antes, mas... sabe-se lá o que pretendia fazer com ele o vampiro?

Invadiu-lhe um forte tremor, e, com os joelhos bambos, caminhou de costas, pesadamente, para a porta.

— Mas, Anton — disse o vampiro—, achei que fossemos amigos!

—Sss... sim —balbuciou Anton e, tropeçando em seu nervosismo em uma cadeira que estava junto a mesa, caiu ao chão.

O vampiro o ajudou a levantar-se.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Crê que eu poderia... te fazer algo? —perguntou olhando furtivamente para Anton com a extremidade do olho.

—Nnn... não —disse Anton ficando avermelhado—. Só pensava que possivelmente a capa... Mas isso, naturalmente, é uma l... idiotice —acrescentou rapidamente.

— Efetivamente! — confirmou o vampiro; levantou a capa do chão e a estendeu para Anton —. Toma, ponha-a.

Anton notou de repente que se sentia terrivelmente mal, mas, apesar disso, agarrou a capa e a colocou lentamente pela cabeça. O vampiro o olhava com olhos brilhantes.

—E agora... pode voar!

—Voar? —perguntou Anton—. E como?

—Nada mais fácil que isso! —exclamou o vampiro saltando sobre a mesa e estendendo os braços—. Simplesmente imagine que seus braços são asas! E então os mova como asas, muito tranqüila e brandamente. Cima, para baixo, para cima, para baixo ...

Logo que tinha dado os primeiros impulsos, quando começou a flutuar.

—E agora toca a ti! —exclamou depois de aterrissar sobre a cama do Anton.

—E... eu? —gaguejou Anton.

—Pois claro!

Com pernas vacilantes Anton subiu igualmente na mesa e estendeu os braços.

—E agora..., voar! —ordenou o vampiro.

—Não posso!

—Claro que pode!



— Não!

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Sim! Basta querer!

— Não!

— Sim!

— Ok!

De repente ao Anton queria mesmo era cair de cabeça no chão só para provar ao vampiro que ele, Anton, tinha razão: Os seres humanos não voam!

Ele então deu um salto longo em direção ao centro da sala ... e voou! O ar estava segurando! Parecia que... era como mergulhar, apenas muito, muito mais bonito!

— Eu posso voar! Exclamou com alegria.

— Claro, o vampiro rosnou, mas agora vêm!

Ele já estava no peitoril da janela e se virou para Anton, olhando-o impaciente.

— Nós ainda temos muitas coisas para fazer hoje à noite!

Ao dizer isto se levantou e saiu voando para a noite. Anton, que de repente não tinha medo, seguiu-o.

Cap. IV

Murmúrios no cemitério

— Aonde voamos? —perguntou de caminho Anton.

— À minha casa — respondeu o vampiro —, recolher os livros.

— Que livros?

— Os seus!

— E onde..., quero dizer, onde estão? —perguntou Anton.

O vampiro o olhou de soslaio e riu ironicamente.

— No caixão, naturalmente, onde mais?

— Ah, vá — disse Anton tragando saliva—, então vamos certamente ao c... cemitério...

— Claro! Tem medo?

— Eu? Não!

—Tampouco tem por que — disse amavelmente o vampiro—, meus parentes estão, precisamente, todos fora.

Anton suspirou aliviado.

Ante eles apareceu então o muro do cemitério.

—Pssst! —sussurrou o vampiro agarrando Anton pela manga —. Devemos tomar cuidado.

— Por quê? — perguntou Anton; mas o vampiro não deu nenhuma resposta. Parecia estar escutando intensamente.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Há alguém ali? —perguntou temeroso Anton.

Eles deviam estar em um lugar completamente afastado, perto da parte traseira do cemitério. Anton podia lembrar-se de que no verão passado tinham pintado de branco o muro do cemitério, mas aqui as pedras estavam tão cinzas como sempre e um espesso musgo as cobria.

— Um de vocês..., parentes? —perguntou-lhe Anton.

O vampiro negou com a cabeça.

— O guardião do cemitério fazendo a ronda — vaiou —. Vêem, vamos aterrissar!

Apenas tinham se escondido depois do muro, ouviram um forte pigarro.

— É ele — sussurrou o vampiro.

Parecia preocupado e temeroso.

— Sabe? —sussurrou—, está nos procurando.

— A nós? —exclamou assustado Anton.

— Pssst! Os vampiros, naturalmente!

— E por quê?

— Porque não nos suporta. O que é que você acha que leva em seu bolso? Estacas de madeira e um martelo!

— Como sabe?

— Como sei?

O rosto do vampiro se voltou ainda mais pálido.

— Porque atravessou com uma estaca o coração meu querido tio Theodor!

— Iiih! —gritou Anton.

— E tudo somente porque meu tio Theodor, despreocupadamente, tocou um quarteto em cima do caixão pouco depois do sol se pôr. O guardião do cemitério só teve que observar o lugar em que se encontrava a tumba e no dia seguinte, quando ainda era de dia...

Fez uma pausa e voltou a escutar atentamente. Mas tudo permanecia em silêncio.

— E após isso — continuou sussurrando — já não nos deixa em paz.

— E não poderiam simplesmente...? — opinou Anton fazendo tiritar significativamente os dentes.

— A ele não! Come alho de manhã até a noite!

— Brrr! —estremeceu Anton—. Nojento!

— Quando, pelo contrário, penso no antigo guardião do cemitério! — disse nostálgico o vampiro—. Não acreditava em nós e, além disso, era coxo. Nenhuma só vez veio a este rincão do cemitério, de modo que já quase tínhamos esquecido que existiam os guardiões.

Nostálgico olhou para o escuro céu.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Uma pessoa tão boa!

— E o novo — perguntou Anton — acredita em vampiros?

— Por desgrça — respondeu o vampiro —. E não só isso: se proposto a ter o primeiro cemitério sem vampiros da Europa!

Punha uma cara tão triste que ao Anton deu verdadeira pena dele.

— E não podem fazer absolutamente nada contra? —perguntou.

— O que? —soluçou o vampiro.

— Poderiam... mudar- se de casa.

— E aonde? Quem iria querer oito vampiros?

— Hummm — disse Anton refletindo—. E se vocês se repartirem? Quero dizer se só houvesse um em cada cemitério...

Mas o vampiro negou violentamente com a cabeça.

— Nem pensar! —exclamou—. Os vampiros têm que estar juntos!

Ficou em pé e espiou por cima do muro.

— O que? —perguntou Anton.

— foi-se — disse o vampiro—; agora posso te mostrar meu caixão.

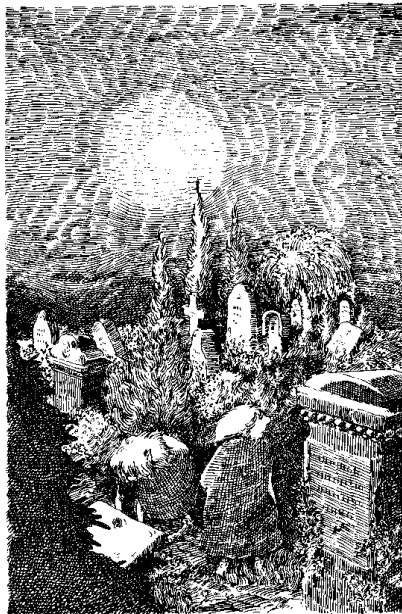
Anton, não obstante, sentia-se um pouco angustiado quando saltaram por cima do muro do cemitério e se acharam, de repente, em meio de lápides derrubadas, cruzes desmoronadas e exuberantes ervas daninhas. Reinava um silêncio inquietante e, à luz da lua, o cemitério parecia mais sombrio e irreal. Mas em nenhum lugar pôde descobrir, Anton, o rastro de uma tumba habitada.

O vampiro sorriu.

—Está bem escondida, não é certo? Está quase em cima da cripta e apesar disso não tem idéia de onde está.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg



— Cripta? Anton perguntou surpreso. Eu pensei que todos tinham sua própria... sepultura.

— Uma medida de segurança, explicou o vampiro. Trouxemos todos os caixões para uma cripta subterrânea comum que só tem uma única e bem escondida entrada. Além disso, naturalmente, temos também uma saída de emergência.

Ele olhou com cautela em torno. Então levantou uma pedra plana e coberta de musgo que era quase invisível sob um pinheiro grande. Mostrou um poço estreito.

- A entrada, ele sussurrou. Eu vou primeiro, e você me segue. Mas não se esqueça de colocar a pedra de volta em cima do buraco!

O vampiro se deslizou rapidamente, colocando primeiro os pés, no interior do poço.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Cap. V

A Cripta Schlottenstein

Durante um momento Anton permaneceu de pé, indeciso. Devia segui-lo ao interior da cripta? Quem lhe dizia que não era uma armadilha? Por outro lado..., não tinha sido sempre o vampiro sincero com ele? E não era muito mais perigoso estar ali sozinho em meio da noite e no cemitério? Se, por exemplo, voltasse nesse momento um dos vampiros... Não! Em qualquer caso era melhor confiar no Rüdiger, que conhecia todos os perigos do cemitério, e descer!

Anton colocou suas pernas no buraco e escorregou lentamente para baixo. A princípio era uma sensação excitante deslizar-se assim no interior da terra, mas quando já só sua cabeça e seus braços apareciam fora do buraco e tinha que decidir-se a saltar, sentiu-se incômodo. O que ocorreria se o poço fosse muito profundo...? Poderia voltar para cima alguma vez?

Mas então ouviu muito perto a voz do vampiro:

— Salta, Anton! — E se deixou cair.

Aterrissou sobre uma plataforma. Por cima dele, ainda ao alcance de suas mãos, encontrava-se o buraco de entrada. Ficou nas pontas dos pés e colocou a pedra sobre o buraco. Agora estava completamente escuro a seu redor e não viu nada até que seus olhos se acostumaram o suficiente à escuridão para poder reconhecer os degraus que conduziam ao interior da cripta. Um débil brilho subia até ele e cheirava a podridão e a mofo.

— Está aí? —exclamou Anton com voz temerosa.

— Sim, vêem — respondeu o vampiro.

Com passos inseguros, Anton foi para baixo, degrau por degrau, até chegar de repente a uma gruta. Era uma habitação baixa, só iluminada fracamente pela magra vela que estava acesa em um nicho junto à entrada. À exceção dos caixões apoiados nas paredes, estava completamente vazia. Em cima do primeiro caixão estava de pé o pequeno vampiro olhando de frente a Anton com um resplandecente sorriso.

— Bem-vindo à Cripta Schlottenstein! —exclamou, e perguntou orgulhoso—: Bom, o que diz agora?

— Eu... —disse Anton ficando acanhado.

Podia acaso confessar que achava a cripta horrível e que temia asfixiar-se devido ao repugnante aroma?

— Um lugar estupendo, não te parece? — disse entusiasmado o vampiro.

— E por que... Schlottenstein? —perguntou Anton com voz débil.

— Porque — informou o vampiro — este é o último retiro da família Von Schlottenstein!

— Você também se chama Schlottenstein? — perguntou Anton.

— Efetivamente! Sou Rüdiger Von Schlottenstein, por favor!

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Ao dizer isto fez uma ridícula reverência durante a qual Anton viu seu magro e rugoso pescoço.

— E agora — exclamou o pequeno vampiro saltando do lugar onde estava — vou lhe mostrar os caixões!

Agarrou a vela, tomou ao Anton pelo braço e entrou com ele na cripta. A trêmula luz da vela arrojava fantasmagóricas sombras que dançavam na parede. Anton sentiu que a boca ficava seca.

— Aqui pode ver o caixão de minha querida avó — esclareceu o vampiro, de pé ante um caixão grande e adornado com muitas talhas na madeira—. Sabine Von Schlotterstein a Horrível.

— A Horrível? —perguntou Anton.

— Bom isso foi antigamente — o tranqüilizou o vampiro —. Ao fim e ao cabo ela foi o primeiro vampiro da família e tinha que adquirir fama em toda parte.

Anton observou o caixão com espanto. O que poderia fazer ali dentro durante o dia?

— E este — disse o vampiro ao lado do seguinte caixão — é do Wilhelm, meu avô. Sabine, naturalmente, mordeu a ele primeiro e assim ele a seguiu muito em breve e pôde protegê-la energeticamente em suas saídas noturnas. Chamava-se então Wilhelm o Tétrico —acrescentou rendo-se para si.

— Teve também ele que... adquirir fama? —perguntou Anton.

— Não, — respondeu o vampiro — mas sempre tinha uma fome tremenda.

Anton sentiu que lhe corria um calafrio pelas costas.

— E de quem é este? — perguntou rapidamente assinalando o terceiro caixão.

— Este é de meu pai — esclareceu o vampiro —, Ludwig Von Schlotterstein o Terrível, o filho mais velho de Sabine e Wilhelm von Schlotterstein. Junto a ele jaz minha mãe, Hildegard a Sedenta. Meu pai, naturalmente, já era vampiro quando se casaram. Minha mãe, certamente, não sabia de nada. Só estando já no Castelo do Schlotterstein...

Não seguiu falando, mas sim fez uma careta e bateu seus dentes.

— Sim, e este — continuou — é meu caixão. Pode inclusive entrar nele.

— Não, obrigado — murmurou Anton —, melhor não.

— Por que não? — exclamou o vampiro apressando-se a levantar a tampa. O interior do caixão estava revestido de veludo negro, que, em certos lugares, parecia já bastante gasto. Na cabeceira havia uma pequena almofada negra sobre o qual descobriu seus Anton dois livros.

— Isso é tudo? —perguntou decepcionado.

— Por quê? —exclamou o vampiro.

— Bom — disse Anton—, eu me tinha imaginado algo mais confortável.

— Mais confortável? — perguntou o vampiro pondo uma cara surpreendida —. Como?

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Possivelmente algo mais..., é..., espaçoso — gaguejou Anton que sentiu que havia dito algo errado.

— Mais espaçoso? — exclamou indignado o vampiro—. Acaso não há lugar suficiente? Inclusive fica espaço para você se nos apertarmos um pouco!

Ao dizer isto se meteu no caixão, pôs os livros a um lado e se estirou comodamente.

— Vê? — exclamou —. Ainda há lugar para você!

— É certo — murmurou Anton —, não tinha pensado absolutamente que era tão...

— Não tem que pensar — exclamou impaciente o vampiro —, a não ser se colocar nele!

— Né... eu... — disse Anton aproximando-se do seguinte caixão —. Levo todo o tempo me perguntando a quem pertencerá este bonito caixão.

O vampiro levantou a cabeça e grunhiu:

— A minha irmã pequena. Mas vêm de uma vez.

— E o daí detrás? —exclamou confundido Anton. Jamais se meteria com o Rüdiger no caixão!

— Esse é do meu irmão — disse o vampiro chiando os dentes—. Lumpi von Schlotterstein o Forte.

— E como... chama-se sua irmã? — Anton tentou uma vez mais desviar a atenção.

Nesse momento ouviu uma suave chamada que parecia vir de um dos caixões. Ficou rígido de espanto. Não estavam sozinhos na cripta? Tinha-lhe mentido Rüdiger? Mas também no rosto do vampiro se refletiam a surpresa e o medo.

— Pssst! — sussurrou enquanto saía agilmente do caixão —. Isso não pode significar nada bom. Tem que se esconder.

— Me esconder? — exclamou assustado Anton —. Onde?

O vampiro assinalou um caixão cuja tampa ainda estava aberta.

Então voltaram a chamar, mas desta vez muito mais alto e com mais força, e agora puderam reconhecer claramente de que caixão vinham os golpes.

— Tia Dorothee! — exclamou assustado o vampiro.

Seu rosto parecia de repente ainda mais branco e seus dentes batiam como se tivesse calafrios.

—Rápido, no meu caixão! — exclamou —. Se tia Dorothee te encontra aqui está perdido!

Anton tinha ficado, de tal modo, com medo enchendo seu corpo que se deixou arrastar inconscientemente até ao caixão e se meteu dentro.

— E sem pigarrear! — recomendou-lhe encarecidamente o vampiro antes de fechar a tampa.

Então Anton se encontrou sozinho. Uma escuridão como boca de lobo o rodeava, e cheirava tão repugnantemente que quase passou mal.

Procedente da cripta ouviu a voz do vampiro:

—Já vou, tia Dorothee.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Uma tampa de caixão chiou e então estalou uma gritaria ensurdecedora.

— Que infâmia! — uivou uma estridente voz feminina—. Deixam-me morrer de fome aqui dentro! Dez minutos mais e teria morrido de debilidade!

— Mas, tia Dorothee —disse o vampiro —, por que não abriu você mesma a tampa?

— por quê? —resmungou—. Porque estou tão esgotada que apenas podia chamar. Além disso, estava desmaiada de fome.

Pelos ruídos que seguiram reconheceu Anton que a tia se levantava do caixão.

— Ai, que fracasso estou! — queixou-se —. Se ao menos tivesse algo que comer!

— Mas o que é isto? — exclamou com a voz de repente completamente trocada —. Cheiro sangue humano!

O coração de Anton parou. Se ela o encontrasse ali...!

— Mas tia, disse o vampiro, isso é completamente impossível. Deve estar equivocada.

— Eu nunca me equivoco — declarou a tia. De qualquer forma..., também poderia vir de fora...

— Possivelmente está passeando um homem com seu cão neste momento — disse o vampiro. De todas as formas, se apresse antes que se vá!

— Tem razão! — exclamou excitada a tia. Se não me apressar vai partir!

Anton ouviu como se precipitava escada acima e jogava a pedra a um lado. Depois tudo ficou em silêncio. Anton conteve a respiração e escutou atentamente. Rüdiger tinha ido também? Mas então ouviu leves passos escada abaixo e imediatamente levantaram a tampa do caixão.



O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Olá, o vampiro riu ironicamente.

Anton ergueu a cabeça e perguntou, cautelosamente:

— Se foi?

— Claro, riu o vampiro, está à procura do homem com cachorro.

Anton estava sentado à beira do caixão. Ele estava morto de cansaço.

— Você não tem uma cara especialmente animada, disse o vampiro.

— Eu quero ir para casa, murmurou Anton.

— Casa? Disse o vampiro. Mas se a noite está só começando!

Anton silenciosamente apenas balançou a cabeça.

— Está bem, se quer, grunhiu o vampiro, podemos voar de volta. Mas não esqueça seus livros!

Apenas dez minutos depois Anton estava deitado em sua cama. Olhou uma vez mais à janela que tinha fechado ao entrar, depois para a noite que parecia escura e estranha. Depois fechou os olhos e dormiu.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Cap. VI

Mal despertar

Quando Anton despertou, já cheirava a comida na casa. Ele cheirou: suflê no forno!

Quanto tempo tinha dormido? Mas então se deu conta de que já era tarde, e os acontecimentos da noite anterior passaram novamente diante dele como em um filme: o vôo inicial, a visita à cripta, a chamada, o esconderijo no caixão e, ao final, o vôo de volta, no qual tinha colocado de novo a horrível capa.

Onde estava? Tinha-a deixado junto ao resto de sua roupa, em cima da cadeira; entretanto, agora já não estava ali! Tinham-na encontrado seus pais?

De repente Anton estava completamente acordado: na cozinha estava funcionando a máquina de lavar roupa!

Saltou da cama, vestiu-se e entrou correndo na cozinha. Seu pai estava sentado à mesa, cortando maçãs.

— Bom dia, Anton — disse amavelmente.

— Bom dia — grunhiu Anton.

— Segue cansado? — riu ironicamente o pai.

— Nãoo — disse Anton olhando de esguelha para a máquina de lavar roupa.

O tambor girava, mas não podia identificar muito entre a espuma.

— Busca algo? —perguntou o pai.

— Não, não — disse rapidamente Anton.

Foi à geladeira e se serviu de leite.

— O que é o que estão lavando aí? —perguntou.

Dito isto olhou intensamente dentro de seu copo para não se trair.

— Por que perguntas?

— Por que... tenho mais roupa suja.

Se o pai parava a máquina de lavar roupa, ele poderia verificar se a capa estava dentro, e tirá-la disfarçadamente em caso de necessidade!

— O que é o que quer lavar?

— Meias três-quartos — esclareceu Anton—. Meias três-quartos brancas.

—Seja , seja, meias três-quartos brancas — disse o pai, que quase se pôs-se a rir—. Não as pode lavar agora. Precisamente só há roupa escura dentro!

— Só roupa escura? — exclamou Anton —. Também algo meu?

— Simmmm — disse o pai alargando a palavra.

— E... o que?

— Isso tem que perguntar para sua mãe.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— E onde está?

— Na sala de estar. Está costurando.

— costurando?

Anton se assustou. Uma idéia nova e quase pior despertou nele. Pois se lembrou dos muitos buracos que tinha a capa!

— Está costurando... meias? —perguntou cauteloso.

— Meias? Seguro que não, riu o pai. Encontrou um grande pano negro com muitos buracos...

— O que? — exclamou Anton —. Negro com muitos buracos?

Ele invadiu a sala. Agora não importa se ele foi encontrado ou não.

A mãe estava sentada ao lado da janela ocupada em enfiar uma fina agulha com um comprido fio negro de lã. Sobre seu colo estava a capa do Rüdiger!

— Puff — suspirou ao ver Anton—. Como fede!

— A... a capa pertence a meu A... amigo — gaguejou Anton.

— Sei —disse sorrindo a mãe—. Pobre homem..., uma capa tão danificada. Posso colocar o dedo através dos buracos!

— Possivelmente ele não quer que os costure — disse Anton.

— E como você sabe?

— O... ele me disse.

A mãe, enquanto isso havia costurado o segundo buraco e enfiava a agulha com um novo fio.

—Isso não acredito — disse tranqüilamente. Nenhuma pessoa iria sair por aí voluntariamente com uma capa tão furada. Possivelmente não tem a ninguém que saiba costurar. Não, não — acrescentou ela dando decidida outro ponto no tecido. Seguro que me agradecerá. Como se chama?

— Rüdiger — grunhiu Anton.

Já estava na porta. Preferia gritar: tão encolerizado estava. E seu pai seguia fazendo o graça! Puseram-se de acordo ele e sua mãe. Mas não poderiam com ele!

— Não quer comer nada? —gritou o pai da cozinha.

— Não — disse Anton.

— Dentro de dez minutos estará preparado o suflê!

— Sim — resmungou Anton.

Foi para seu quarto e se deitou na cama.

«Que porcaria! Tirar-me a capa e costurá-la sem nem sequer me perguntar!» E não só isso..., continuar a costurar , inclusive, depois de seus protestos!

Anton estava zangado por ter deixado a capa tão ao alcance da mão até sabendo que seus pais sempre apareciam pelas manhãs no seu quarto para ver se estava dormindo ainda.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Mas possivelmente não era tão mau que ela costurasse os buracos. Em realidade, o vampiro devia poder voar muito melhor com uma capa sem buracos. Ao final teria razão sua mãe e ele estaria realmente agradecido pela costura!

Anton ouviu os passos de sua mãe no corredor. Rapidamente se levantou e começou a fazer a cama. Quando sacudia o travesseiro chamaram.

— Anton?

— Sim. Pode entrar.

— Aqui tem — disse a mãe, sua capa. Toda costurada!

— Obrigado — murmurou Anton.

Agarrou a capa e a colocou em cima da cadeira.

— Gostaria muito de lavá-la, sim, disse, mas então demoraria muito em secar. E Rüdiger a necessita, não?

— Sim, sim — disse rapidamente Anton.

— Não quer lhe levar em seguida à capa? — perguntou.

— Agora..., né...

Anton olhou ao seu redor em busca de ajuda.

— Agora ainda está dormindo.

— O que? — riu a mãe—. Sabe quão tarde é?

— A comida está pronta! — gritou nesse momento o pai.

— Um curioso amigo deve ser, se dormir até meio-dia, disse a mãe enquanto examinava Anton. Você tem que me esclarecer isso com detalhe durante a refeição.

—Eu... né... é que não tenho fome — disse, apesar do seu estômago soar terrivelmente.

—Que disparate! — disse a mãe.

E o pai gritou:

—Nem sequer tomaste o café da manhã ainda!

— Está bem — grunhiu Anton.

Realmente o suflê era sua comida favorita, mas nesse dia nada lhe caía bem. Pensou intensamente como podia esclarecer o assunto do comprido sono enquanto metia na boca, sem vontade, bocado atrás de bocado.

— Saboroso, verdade? — disse entusiasmado o pai, que já enchia o prato pela segunda vez.

— Muito saboroso! Assentiu a mãe. Só Anton parece não gostar!

Anton notou como ficava vermelho.

— Me diga, como se chama Rüdiger de sobrenome? —perguntou de repente a mãe.

Anton se assustou.

— por quê?

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— por que, por que! —riu a mãe—. Porque me interessa!

— Schlotterstein — disse Anton.

— Como?

A mãe pôs cara divertida.

— Schlotterstein? Rüdiger Schlotterstein?

— Von Schlotterstein, corrigiu Anton. Rüdiger von Schlotterstein.

— Pois isso é ainda pior — riu o pai.

— Anton Bohnsack tampouco é melhor — disse irado Anton.

— Bom, bom — sorriu com satisfação o pai. Acaso não nos chamamos também Bohnsack?

— Sim, você! — exclamou Anton. Você é grande; de você ninguém ri!

— Fique feliz de não se chamar Schlottersack — disse a mãe.

Mas Anton não pôs, não, boa cara. Mal-humorado, revolveu em seu prato. Seguiam rindo dele!

— Anton — disse a mãe—, não fique ofendido com tanta facilidade.

— Posso ir agora? — perguntou Anton.

— Um momento, disse a mãe. O que há com a capa? Leva-lhe isso?

— Né..., sim — murmurou Anton.

— Poderia te levar de carro — propôs o pai.

— Aon... aonde? — gaguejou Anton.

— Bom, a casa de seu amigo — disse o pai—. Eu passo pelo cemitério.

— Pelo c... cemitério?

Anton tinha ficado completamente pálido.

— Vive junto ao cemitério..., ou não? —perguntou a mãe.

— Sss..., sim — murmurou Anton.

— E então pode me apresentar — disse o pai.

— E assim o convidamos — completou a mãe.

— Mas... , disse Anton indefeso, é que hoje é dormindo, e, além disso, prefiro ir a pé...

—Vá, vá, vá, disse o pai, meu Senhor, meu filho de pedestre. Isto é algo completamente novo!

— Deixa-o, disse a mãe; e voltando-se para o Anton declarou: Mas eu gostaria ao menos que o convidasse. Queremos conhecê-lo de uma vez!

Deteve-se, refletindo um momento.

— Na quarta-feira me vem Poderia inclusive lhes fazer um bolo!

— Eu... vou agora — murmurou Anton.

— Não esqueça a capa! gritou a mãe. E pensa nisso: na quarta-feira às quatro!

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Cap VII

Lápides em forma de coração

No meio do dia de Domingo, doze para as três: essas eram as horas mais aborrecidas e inúteis de toda a semana, conforme acreditava Anton. A partir das doze cheirava por toda parte a assado de domingo, depois se comia, e logo dormia a sesta. Os meninos não tinham nenhuma autoridade durante essas horas. Ai deles se jogassem futebol na rua ou se dessem voltas por aí com a bicicleta!

Por isso, o elevador no qual Anton descia estava completamente vazio. Também a rua estava deserta. Não passava nem um carro. Anton caminhava sobre o meio-fio da calçada e fazia girar a bolsa em que tinha guardado a capa. Sabia que seus pais tinham saído ao balcão para lhe dizer adeus, mas olhava áspero para frente. Eles esperariam até o dia do julgamento? Acaso não ia retornar alguma vez mais na vida? Pensando no que o aguardava no cemitério, sentiu-se em uma situação crítica. Como ia levar a capa à cripta em plena luz do dia? E como ia convidar ao Rüdiger? Com uma carta? Como medida preventiva levava um caderno de notas e um lápis. Mas seguro que diante da cripta não havia nenhuma caixa do correio! E se baixava ao interior da cripta e deixava a carta ao Rüdiger no caixão, despertaria possivelmente os outros vampiros e o que passasse então...

Os passos do Anton estavam cada vez mais lentos conforme ia se aproximando do cemitério. Agora se deteve. Fechou os olhos e pensou.

— Né, Anton! — ouviu então.

— Você? — disse Anton pestanejando.

Frente a ele estava Udo, um menino de quinto ano que tinha o apelido de «Periquito».

— O que está fazendo aqui? — perguntou colocando-se com as pernas abertas e os braços cruzados diante do Anton.

— Eu..., murmurou Anton, simplesmente vou por aqui.

Esta era, naturalmente, uma resposta bastante estúpida com a que Udo não se daria por satisfeito. Mas assim ao menos teria tempo para pensar algo melhor. Devia dizer a verdade? Provavelmente Udo não acreditaria... mas possivelmente tiraria um sarro e desapareceria voluntariamente!

— Simplesmente vou por aqui! — burlou-se Udo fazendo uma careta condenatória. Seguro que não te ocorreu algo mais tolo, né?

— Sim, disse Anton, devo visitar a um amigo.

— Conheço-o? — perguntou Udo à espreita.

— Não acredito, disse Anton ironicamente, ou conhece algum vampiro?

Durante um instante Udo se sentiu muito surpreso para responder, mas, finalmente, disse desdenhoso:

— Vampiros! Está maluco! Nem que estivéssemos no cinema!

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Meneou a cabeça e olhou compassivo Anton como se estivesse doente.

— Larga — disse depois com voz de repente colérica e excitada— e que eu não volte te ver por aqui!

— Sim, sim, disse Anton, mas não entre em pânico.

Fazendo girar a bolsa e assobiando A pequena Juanita, seguiu andando lentamente. Udo não devia pensar, não, que estava medo... mesmo que estivesse dois cursos acima dele!

Sem voltar-se, caminhou até o muro do cemitério. Estava, em efeito, pintado de branco, e era tão alto que Anton só via as pontas dos abetos que cresciam detrás. Pouco antes de chegar ao portão de entrada se deteve e olhou furtivamente para trás. Mas Udo tinha desaparecido. Anton esperou ainda um par de minutos, mas como não ocorria nada abriu o portão e entrou.

Rodeou-lhe um silêncio sepulcral e um aroma de terra e a flores. «Não está tão mal —pensou Anton. Em todo caso, nem o menor sinal de atividade!» Tranqüilizou-se e seguiu seu caminho. Se não tivesse sido pelas muitas cruzes e lápides com suas estranhas inscrições como «Descansa em paz», teria podido pensar que caminhava por um parque. Só que era estranho não encontrar com ninguém! Mas possivelmente no domingo a tarde não era o momento adequado para uma visita ao cemitério. Enfim, lhe convinha. Podia mover-se com mais tranqüilidade.

Desceu pelo caminho principal. Tinha acompanhado algumas vezes a sua mãe visitando os túmulos da família. Por isso ainda se lembrava de que a parte mais agreste do cemitério começava detrás da capela que estava no final do caminho. Esta capela sempre lhe tinha feito sentir um misterioso estremecimento: estava construída como um edifício normal, mas não tinha nenhuma janela, só uma gigantesca porta de ferro. E apesar de que parecia velha e desmoronada, havia na porta um cadeado claramente novo e usado freqüentemente, e isto era realmente o mais inquietante, pois Anton nunca tinha visto ninguém entrar ou sair!

Também agora passou ao lado da capela com uma sensação desagradável. Nada tinha trocado; inclusive o ferrolho reluzia ao sol exatamente igual. Estaria vazia a capela? E se não... o que poderia haver nela? «Seguro que nada bom», pensou Anton. E se lembrou da história da noite no panteão que tinha lido uma vez: para ganhar uma aposta, um homem havia concordado em ficar trancado em um panteão durante a noite. A princípio tinha pensado que estava sozinho, mas depois, quando a luz da lua entrou através da janela, moveu-se de repente a tampa do caixão que estava junto a ele e dali saiu... Embora brilhasse o sol, pelas costas de Anton correu um calafrio ao pensar no ser que tinha saído do caixão!

De repente ficou com pressa para entregar a capa e abandonar o cemitério. Pois quem sabe tudo o que vagaria por ali?

Nos livros de Anton, naturalmente, não havia só vampiros..., eles eram quase os mais inofensivos..., havia, por exemplo, mortos na aparência. Tinha lido em uma ocasião algo sobre uma mulher que durante dias tinha golpeado uma e outra vez contra a tampa do caixão até morrer de exaustão.

Anton apressou o passo. Para o caso de que alguém chamasse..., ele, Anton, seguro que não iria! O melhor seria correr tão rápido que não pudesse ouvir a chamada absolutamente! Também lhe veio à cabeça a imagem de tia Dorothee na cripta, a noite anterior!

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Anton tinha abandonado já a parte do cemitério em que os caminhos estavam rastelados e os sebes cuidadosamente podados. Ali, detrás da capela, a erva crescia quase até a altura do joelho e tinha que abrir caminho através das ervas daninhas e dos arbustos. Mas ao longe via o muro do cemitério. Em algum lugar dos arredores tinha que estar o abeto... e a entrada da cripta!

Enquanto seguia andando lhe pareceu de repente ouvir passos no caminho de cascalho atrás dele. Um terror gelado o percorreu. Quem ou o que podia segui-lo? Alguém que saía da capela?

Mas ao momento seguinte estava outra vez em calma, e então se atreveu a voltar-se...; o cemitério estava exatamente igual, vazio e silencioso. Não teria imaginado os passos? Ao fim e ao cabo, ali estava condenadamente só e se poderia imaginar as coisas mais estranhas!

Quase tropeçou com uma lápide na erva. Era uma curiosa pedra: tinha a forma de um coração! E com escritura florida e apenas legível já punha: «Ludwig von Schlotterstein, 1803-1850». Anton se surpreendeu, pois se as datas estavam bem, o pai do Rüdiger levava mais de cem anos morto! Um par de passos mais à frente descobriu uma segunda laje igualmente em forma de coração em que punha: «Hildegard von Schlotterstein, 1804-1849». Ali ao lado encontrou as lápides dos avós: «Sabine von Schlotterstein, 1781-1847» e «Wilhelm von Schlotterstein, 1780-1848». E todas as lápides tinham a mesma forma de coração! Realmente era muito estranho e qualquer um ficaria perplexo. E o que é o que poderia significar um coração? Em primeiro lugar, amor — Anton riu para si — e em segundo lugar, sangue!!! Quem não sabia que o coração bombeava o sangue pelo corpo?

Quando Anton comparou as cifras dos anos se deu conta de que os vampiros tinham morrido em uma seqüência determinada; precisamente, sempre com um intervalo de um ano: primeiro Sabine, logo Wilhelm, Hildegard, Ludwig, Dorothee e Theodor. Significava isso que sempre, um ao outro...? E os meninos? Quem lhes havia...? E, além disso, onde estavam suas lápides?

Mas por mais que Anton procurasse, só encontrou simples lajes cinzas que, com segurança, não guardavam nenhuma tumba de vampiro. Possivelmente o pequeno vampiro e seus irmãos não tinham lápide. Presumivelmente morreram sendo os últimos dos Schlotterstein e não tiveram ninguém que lhes providenciassem um enterro de vampiros.



Enquanto refletia ouviu de repente um rangido no mato junto a ele e ao voltar-se viu o rosto do Udo, que ria ironicamente.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Você? — foi a única coisa que lhe ocorreu.

— Surpreendido?

Com um sorriso vaidoso, Udo saiu do mato.

— Mas porque me olha assim? Sou eu um fantasma?

— Né..., eu — murmurou Anton. Pensava que seria...

— Um espírito, né? — exclamou Udo rindo com força.

— Não, pensava que seria meu amigo, esclareceu Anton, íamos nos encontrar aqui, mas não veio ainda. “Acreditaria Udo nisso? Com a pressa não lhe tinha ocorrido nada melhor!”

— Seja — disse Udo pondo cara de incredulidade, e supõe que vou acreditar nisso!

E de repente gritou:

— Você pensa que eu sou tolo, né?

Agarrou Anton pelo queixo e empurrou lentamente para cima.

— Ai! — protestou Anton; mas Udo simplesmente empurrou com mais força ainda.

— Vê? riu zangado, este é o castigo. E agora desembucha: o que fazes aqui?

— Primeiro tem que me soltar — exigiu Anton.

— Está bem, disse Udo dando um passo atrás.

Olhou fixamente para Anton:

— E bem?

— Eu... eu não menti, disse Anton. Fiquei de verdade de encontrar com um amigo aqui.

—E como se chama seu amigo?

—Rüdiger. Rüdiger von Schlotterstein.

Novamente apareceu a expressão incrédula no rosto do Udo.

—E o que faz no cemitério?

Anton refletiu febrilmente. O da cripta não podia contá-lo de maneira nenhuma. Udo o denunciaria e então os vampiros estariam perdidos para sempre!

— Nós... queríamos procurar tumbas de vampiros — disse finalmente.

— Tumbas de vampiros! disse Udo bocejando. Vá bola!

— Não, não, disse apaixonadamente Anton. Na família do Rüdiger havia vampiros antigamente!

— Vá lá, disse Udo, não é divertido.

— Dizem que se podem reconhecer suas tumbas por uma coisa! — declarou Anton.

Isto pareceu interessar ao Udo.

— Por uma coisa? —perguntou.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Sim! Pelas lápides!

— O que acontece as lápides?

— Pois..., e aqui baixou Anton a voz e olhou misteriosamente a todas partes, têm forma de coração.

— Forma de coração?

— Não compreende? disse Anton. Coração..., isso significa sangue!

Udo contraiu os lábios com aborrecimento.

— Venha, homem, que bobagens! — resmungou. Em todo o cemitério não encontrará nenhuma lápide com forma de coração!

Anton teve que conter-se para não tornar a rir.

— Quem sabe, quem sabe? — riu para si. E, além disso, procurar não custa nada.

— E por que não está procurando? — perguntou de mau humor Udo.

— Porque... queria esperar o meu amigo.

De todas formas, algo Anton tinha conseguido: desviar o interesse do Udo para as lápides. Podia se observar como o assunto das lápides o preocupou pela forma como Udo olhava a seu redor e, intranquilo, pisava de um pé depois de outro.

— Apostamos? — perguntou de repente Udo. Três Marcos para você se encontrarmos as lápides, e se não, quatro para mim.

— Como é que você ganha quatro Marcos e eu só três? — exclamou indignado Anton.

Udo mostrou seu «sorriso de quinto ano», cheia de superioridade.

— por quê? —riu ironicamente. Porque para ti três Marcos são exatamente igual a para mim quatro!

— Isso é injusto — disse Anton. Ao fim e ao cabo, eu tenho que pagar os quatro Marcos se perder.

— Ou seja, que vais perder? —perguntou Udo.

— Bom, disse Anton e não pôde ocultar um sorriso de segurança na vitória, quem sabe...?

— Venha, procuremos! — determinou Udo. Eu por aqui e você por ali por cima.

Anton tinha caminhado apenas um par de passos em direção à capela quando ouviu Udo gritar.

— Anton, vêm rápido! — exclamou. As encontrei!

Anton pôs cara de surpresa.

— Seriamente? — disse.

Udo estava completamente excitado.

— Aqui! — exclamava uma e outra vez. Lápides em forma de coração! Olhe, aqui tem algo: «Ludwig von Schlotterstein, 1803-1850», e «Hildegard von Schlotterstein, 1804-1849».

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Olhou pestanejando para Anton.

— Diga-me, seu amigo não se chamava também Schlotterstein?

Anton tentou parecer o mais tranqüilo possível. Encolheu os ombros e disse:

— Sim.

Udo tinha encontrado agora as outras lápides.

— Aqui! — exclamou com voz de falsete. «Sabine, Wilhelm»..., e ali, isto escuta: «Dorothee Von Schlotterstein-Seifenschwein!». Tinha ouvido alguma vez um nome tão estúpido?

Riu e Anton riu com ele.

— Mas estes estão mortos para sempre, disse então, ou pensa que voam ainda?

— Eu pensava que você não acreditava em vampiros — riu ironicamente Anton.

— Bom, não, grunhiu Udo, mas os das lápides...

Fez uma pausa.

— Diga-me, não me disse que seu amigo também era um vampiro?

— Eu disse? — respondeu Anton.

— Claro! Quando estávamos diante do cemitério!

— Então é verdade — disse Anton.

Udo se aproximou um passo e olhou com atenção ao Anton.

— E bem? É verdade?

Anton riu or dentro.

— Não posso contar muitas coisas se não acredita em vampiros.

— Possivelmente eu acredito, disse Udo, e em caso de que não, poderia me apresentar ao seu amigo para me convencer.

— Agora? — riu ironicamente Anton.

— por que não? — disse Udo.

A indiferença de Anton e seu desprezo afetado o estava deixando zangado.

— Porque, disse tranqüilamente Anton, os vampiros não se levantam até depois do pôr-do-sol. E agora é a tarde.

— E por que disse que ia se encontrar com ele?

— É que tinha que dizer algo idiota — disse Anton.

Udo estava tão surpreso que olhou fixamente para Anton durante um momento sem falar. Mas depois seu rosto se tingiu de vermelho e com voz rouca de ira chiou:

— Você..., você, imbecil! Fique com seus vampiros! Isso são contos!

— Mas você acreditou — riu Anton.

— Eu? — Udo fingiu indignação. Eu não.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Anton riu ironicamente.

— E, além disso — exclamou Udo — agora vou para casa!

Deu a volta e desapareceu.

Nesse momento ocorreu a Anton uma idéia: «se na quarta-feira não fora Rüdiger e sim Udo que... Mas não como Udo, mas sim como Rüdiger...». Claro, essa era a salvação! Seus pais não se dariam conta de nada; em definitivo, eles não tinham visto o Rüdiger ainda!

— U...dooo!! — gritou Anton tão alto como pôde, pondo-se a correr atrás dele. Espera!

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Cap. VIII

Anna , A Desdentada

Anton já dormia quando, nessa mesma noite, quando chamaram brandamente à janela. Desta vez tinha fechado as cortinas e assim, piscando meio dormindo, só pôde reconhecer os contornos de duas escuras figuras que estavam agachadas diante da janela. Em seguida estava completamente acordado. Naturalmente eram vampiros, pois quem se não eles podiam chamar na janela no meio da noite sendo que a sua casa era no sexto andar! Mas como é que eram dois? Rüdiger sempre tinha vindo sozinho! Seria, possivelmente, uma armadilha? Eles talvez, vinham saber onde ele vivia? Mas não lhe teria prevenido Rüdiger? Não, refletiu Anton, era muito mais provável que fosse o próprio Rüdiger..., mas quem podia estar com ele?

Chamaram de novo, mas com muita mais impaciência. Caminhou nas pontas dos pés para a janela e espiou pela cortina: reconheceu o pequeno vampiro que estava envolvido até o queixo em sua capa, e junto a ele a um segundo vampiro ainda menor que vestia também uma capa negra.

— Anton! — ouviu então a voz rouca do Rüdiger. Sou eu!

Com o coração pulsando muito depressa, Anton jogou a cortina de lado: ...junto ao vampiro havia uma menina-vampiro! Estava tão surpreso que, durante uns segundos, ficou tão quieto como se tivesse criado raízes.

— Abre de uma vez! — exclamou o vampiro deslizando-se intranquilo de um lado a outro sobre o suporte da janela.

Anton se apressou em abrir a janela. Quase sem ruído entraram ambos no quarto.

—Minha irmã, disse o vampiro assinalando à menina-vampiro, Anna a Desdentada.

Anna tinha uma cara pequena e branca como a neve, olhos de cor rosa e uma cara redonda. Sorriu amavelmente para Anton.

Então ela corou.

— Não tem que dizer sempre “Anna a Desdentada” — protestou. Ao fim e ao cabo, já crescerão, e, além disso, você na minha idade tampouco tinha!

— Ela é a única da família que se alimenta de leite — riu o vampiro.

— Mas não por muito tempo! — disse orgulhosa Anna.

— Ela queria te conhecer — declarou o vampiro.

— A mim? —perguntou Anton.

O rosto da Anna ficou vermelho escuro.

— E bem? — disse ela olhando obstinada para seu irmão. Está proibido?

Dirigindo-se ao Anton, continuou, sorrindo:

— É que queria ver seus livros. Ele... — E ao dizer isto assinalou seu irmão — contou que têm muitos!

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Foi a estante e tirou um livro.

— Este, por exemplo: “As doze histórias mais terríveis de vampiros!” Você me empresta?

— Né..., sim — disse Anton.

— Obrigado — sorriu ela fazendo desaparecer o livro sob sua capa. Ao fazê-lo, lançou ao Rüdiger um olhar de triunfo.

«Para ser um vampiro, tem um aspecto muito bom — pensou Anton. Se não estivesse tão fantasmagoricamente pálida e não tivesse esses cercos tão escuros sob os olhos...» Mas como lhe podia ocorrer semelhantes idéias? Ele é uma menina-vampiro!

Rüdiger, enquanto isso havia se acomodado na mesa de Anton. Olhava com curiosidade a seu redor.

— Diga-me — perguntou —, onde está minha segunda capa?

Anton tinha estado temendo todo esse momento essa pergunta.

— Pois..., disse enquanto observava com a extremidade do olho como Anna olhava um livro atrás de outro, não está aqui.

— Não está aqui? — surpreendeu-se o vampiro.

— Emprestei-a, disse Anton.

— Emprestaste-a?!

De repente se pintaram o aborrecimento e a desconfiança no rosto do vampiro.

— E como é isso?

— Bom... — murmurou Anton, meus pais..., deteve-se, pois pela primeira vez pensou que seus pais estavam dormindo no quarto ao lado. Seguiu falando em sussurros: Meus pais queriam te conhecer!

— A mim? — exclamou sobressaltado o vampiro.

— Sim, nada menos! — disse Anton. Porque falei tanto de você! Por isso tive que ir hoje ao cemitério com a capa!

— Ao cemitério? — e exclamou o vampiro. E por que não nos encontramos?

Também Anna aguçou o ouvido.

— Ai — exclamou, e eu não te vi, Anton!

— É que era de tarde! — disse Anton.

— Que lástima! — suspirou Anna.

— Sim, e quando estava no cemitério — prosseguiu Anton — apareceu de repente um amigo do colégio Udo... («Rüdiger não tinha por que saber de maneira nenhuma que não eram amigos!») E tive então a idéia salvadora!

— Que tipo de idéia salvadora? — perguntou o vampiro.

— Muito singelo! — disse Anton. Meu amigo Udo irá te substituir!

— Me substituir? — surpreendeu-se o vampiro. Como?

— Pois... ele não virá com seu autêntico nome — disse Anton.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Não? — perguntou o vampiro. Com qual então?

Anna riu por dentro.

— Com o do Rüdiger von Schlotterstein, naturalmente, tolo!

— E isso servirá? — perguntou confundido o vampiro.

— Claro, disse Anton, meus pais ainda não lhe viram. E, pelo resto, o contei tudo ao Udo.

— O que é... tudo? — perguntou cortante o vampiro, espreitando com o olhar Anton.

— Naturalmente, nada sobre a cripta! — disse rapidamente Anton. E sobre seus parentes tampouco! De todos os modos, não acredita em vampiros.

— É uma sorte! — disse o vampiro respirando aliviado.

— Mas Anton sim acredita em vampiros! — cantarolou Anna dando palmadas alegremente.

— Pssst! — vaiou o vampiro.

Anna baixou envergonhada os olhos.

— Não me repreenda sempre — disse —, o que vai pensar Anton de mim!

— Anton pensa exatamente o correto — disse o vampiro: que é uma parva apaixonada!

— Queeee sou eu? — chiou Anna.

Contrariada de raiva se colocou diante do Rüdiger.

— Repete isso! — disse agitando sua pequena mão, que tinha fechado em um punho.

— Está bem, concedeu Rüdiger, perdoa.

No rosto da Anna se pintou um sorriso satisfeito e enquanto jogava a Anton um olhar efusivo voltou sobre a cama.

— E quando vou recuperar a capa? — perguntou o vampiro.

— A... a... capa? — gaguejou Anton.

Temeroso, seguia olhando fixamente à porta, que podia abrir-se em qualquer momento.

Em outras ocasiões seus pais despertavam com a mais pequena tosse! Inclusive a música do rádio muito baixa despertava, de modo que Anton se perguntou porque lhe tinham comprado o Micro System. E Anna acabava de encontrá-lo!

Girou o botão e, antes que Anton pudesse intervir, soou uma alta música pop.

—Não! — grunhiu Anton; mas já era muito tarde, porque nesse instante se abriu a porta do quarto ao lado.

—Rápido! — sussurrou desligando o rádio. Escondam-se!

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Apenas haviam entrado Rüdiger e Anna embaixo da cama de Anton quando sua mãe já estava na porta. Seu rosto parecia cinza e enrugado e o cabelo formava desgrehados cachos ao redor de sua cabeça.

— Anton, disse cansada, quantas vezes lhe dissemos que...?

— Sim, sim — respondeu rapidamente Anton. Sinto muito!

A mãe o olhou de novo com recriminação e sacudiu a cabeça; depois se voltou para partir. Mas ficou parada na porta.

— Anton, disse ela cheirando, que cheiro é esse?



— Na ... nada " resmungou Anton.

— Sim, sim, disse a mãe retorna para cheirar, parece... mofo!

— Como assim, a mofo? Disse Anton colocando-se diante da cama.

— Algo aqui está cheirando assim, repetiu a mãe.

Lentamente, caminhou ao redor do quarto, examinando cada canto com olhares desconfiados. Só esqueceu de olhar embaixo da cama, e ficou parada e indecisa no meio do quarto.

— Anton, disse, quando tomasse banho pela última vez?

— É... tomei banho? Anton murmurou. A. .. Ontem.

Debaixo da cama riram.

— Você não precisa rir! - disse a mãe, embora Anton não tenha aberto a boca. Você sabe que temos que tomar banho todos os dias! E, embora com raiva aspirando pelo nariz, disse: Você sabe o que acontece quando você se lava somente a cada dois dias!

Mais uma vez ele ouviu uma risada fraca.

— Você ri! Exclamou irritada. Amanhã cuidarei para que tome banho!

Dito isto, foi para a porta e a fechou atrás de si dando uma pancada. Anton ouviu também quando fechou a porta do quarto do lado e depois se deixou cair esgotado na cama.

— Por um fio de cabelo! — murmurou.

— Que cabelo? — perguntou curiosa Anna saindo de debaixo da cama.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

—É um dito — esclareceu Rüdiger. Mas Anna ainda é um bebê e não sabe!

—Ora! — disse Anna tirando a língua.

— Agora nos temos que ir — anunciou o vampiro.

— Já? — exclamou decepcionada Anna.

— Sim — grunhiu o vampiro saltando ao batente. Logo será de dia. Vamos!

Anna olhou suplicante ao Anton.

— Deixa-me voltar para te visitar logo? —perguntou.

— Né..., sim — disse surpreso Anton.

— Bem! — gritou ela de alegria, e de um salto saiu pela janela aberta, ante a qual bateu as asas para cima e para abaixo como uma grande mariposa.

— E minha capa? — perguntou de novo o vampiro. Quando a terei?

— O na... quarta-feira — respondeu Anton.

— Bem — disse o vampiro, e acrescentou em voz baixa: É que não é minha. Agarrei-a que caixão de Tio Theodor!

— o da e..., e...?

«Estaca», ia dizer Anton, mas conseguiu calar-se a tempo! Já tinha visto uma vez como reagia o vampiro quando lhe mencionava as estacas!

Mas de toda forma o vampiro não teria ouvido as últimas palavras do Anton, pois já estava voando na noite.

«O principal é que Udo não esquecesse a capa na quarta-feira!», foi o último pensamento do Anton antes de dormir.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Cap. IX

A grande cena de Udo

— Seu amigo Rüdiger não é muito pontual — disse a mãe na quarta-feira, quando Udo, às quatro e meia, não tinha chegado ainda.

— Ora, disse Anton, não importa.

— Como não importa? — exclamou a mãe. Meu café vai se ficar frio!

«puseram a mesa como para uma visita oficial», pensou Anton. A baixela boa, as colheres de prata, candelabros..., e não posso esquecer o bolo de requeijão que a mãe tinha preparado depois de comer e que tinha um aroma tão tentador; além disso, merengues, que Anton tanto gostava, e, por último, as redondas bolachas de chocolate com recheio doce, que, ao parecer, em outras ocasiões sempre eram muito caras.

—Não quer que lhe telefonar? — propôs a mãe.

E sem esperar a resposta do Anton, agarrou a lista telefônica. Passou o dedo sobre as colunas lendo:

—Schlotter, Schlotterbacke, Schlotterbein, Schlottermann, Schlotterzahn..., não vem Schlotterstein — disse olhando ao Anton.

— Se me tivesse perguntado, teria lhe dito — esclareceu Anton.

—Sabia que não têm telefone? — perguntou ela.

— Não — disse Anton—. Só que havia... imaginado.

— E por quê? — perguntou, franzindo o cenho, sua mãe.

Nesse momento soou a campainha. Aliviado, Anton se levantou de um salto.

— Esse é ele! — exclamou, correndo para a porta.

«Oxalá seja de verdade!», pensou. Pois o que iria dizer seus pais se não aparecesse?

Era Udo! Anton quase não o tinha reconhecido: tão estranho estava com as calças escuras e a camisa negra sobre a qual, conforme combinado, levava a capa.

—Olá — riu ironicamente. Que aspecto tenho?

Anton olhou temeroso para trás.

— Pssst! — sussurrou. Não podem nos descobrir!

Disse em voz alta:

— Olá, Rüdiger! Entra.

Agora apareceu também a mãe no corredor.

—Que agradável! —disse ela—. Boa tarde, Rüdiger. Alegro-me de te conhecer.

— Boas — disse Udo fazendo uma profunda reverência.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— A casa já a conhece, disse observando atentamente ao Udo, mas não nos encontramos nunca! Aquela vez você se escondeu no armário, e quando fiz o chá já havia ido embora.

Udo estava de pé ante ela sorrindo amavelmente.

— Por certo, disse a mãe, o que te parece a capa?

— A capa? —disse Udo. Bem!

— E não notaste absolutamente nada?

— Notado? — perguntou Udo olhando desconcertado ao Anton. O que?

— Bom, os buracos — riu a mãe. Eu os costurei!

— Ah, pois é — murmurou Udo. Muito obrigado.

— Anton pensava que não queria que os costurassem.

— Sim? — disse Udo. E por que não?

— Pois porque tinha que ser um autêntico disfarce de vampiro! — saiu Anton em sua ajuda.

— Ah, sim! — disse Udo levando uma mão à cabeça como se só então houvesse acordado. Meu disfarce de vampiro, naturalmente! Sabe você? — dirigiu-se à mãe. Sem costurar parecia muito mais horrível!

A mãe riu.

— Deixemos isso, venham.

«De qualquer forma, pensou Anton, o primeiro obstáculo estava superado! Udo não representava nada mal seu papel. Os três Marcos de dívida da aposta, que Anton lhe tinha perdoado, eram realmente um preço baixo!»

— Espero que você goste, Rüdiger — disse a mãe, sentando-se à mesa para tomar o café.

— Sim, obrigado — grunhiu Udo, que primeiro se comeu uma parte de bolo de requeijão e agora se estava colocando um merengue na boca.

— A princípio não sabia o que te oferecer, sorriu a mãe, pois Anton contou coisas tão estranhas sobre seus costumes gastronômicos...

— Ah, sim? O que? — perguntou Udo.

—Bom, disse a mãe servindo-se café, que você não come nem bebe nada à exceção de uma coisa que nós não temos em casa!

— Como diz? — disse Udo.

A mãe sorriu satisfeita.

— Mas conforme vejo tem um apetite excelente!

Udo assentiu e agarrou outro merengue.

— Sempre tive bom apetite —resmungou com a boca cheia. Minha mãe sempre diz: «Udo, você vai engolir até o último cabelo da cabeça».

— Como diz? — quis saber a mãe surpreendida. Udo?

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Bom, sim, disse Udo, meu segundo nome, sabe você? Rüdiger-Udo von Schlotter...deteve-se e olhou ao Anton procurando ajuda.

— Schlotterstein! — soprou-lhe Anton movendo os lábios.

— Schlotterschrein — disse Udo, que não lhe tinha entendido corretamente.

— Como? —disse confusa a mãe—. Schlotterschrein?

— Queria dizer Schlotterschwein — se corrigiu Udo.

— Ah! —disse a mãe. Vós querem me deixar louca!

— Não, não, seriamente que não — assegurou Udo enquanto agarrava o terceiro merengue.

— Né! — exclamou Anton. Deixe-me algum!

— Mas, Anton — reprovou-lhe a mãe—, fala assim com um convidado?

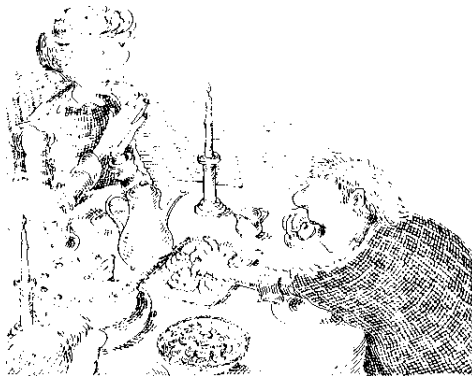
— O que significa convidado? — exclamou indignado Anton. E além disso..., nenhum convidado come três merengues seguidos!

— Certo, disse Udo, colhendo com a maior tranqüilidade o quarto e último merengue, mas sim quatro!

Anton ficou mudo. Conseguia o Udo um convite para comer bolos e ele engolia como se fizesse uma semana não comia nada! E, além disso, o que ia pensar sua mãe de seus amigos!

— Rüdiger — disse Anton, e de repente sua voz soou completamente rouca—, acredito que agora deve ir.

Mas Udo não pensava em ir-se. Sorriu de forma desavergonhada e encheu o prato de bolachas de chocolate.



— E por que isso?

— Porque..., começou Anton.

Então tocaram a campainha.

— Esse deve ser seu pai — esclareceu sua mãe se levantando.

— Papai? — perguntou surpreso Anton.

— ia vir algo mais cedo — disse a mãe.

Quando estava no corredor, Anton foi para cima de Udo.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Se acha que aqui pode fazer o que quiser... — bufou.

— Sim, o que acontece? — perguntou Udo com fingida amabilidade.

— Então, então... — resfolegou Anton.

Mas antes que lhe tivesse ocorrido as palavras adequadas seu pai já estava na sala.

— Olá, Rüdiger! — disse.

Udo se levantou pela metade e grunhiu:

— Boas.

— Ao fim nos conhecemos também — disse o pai sentando-se.

«A mim nem me saúda — pensou Anton. Mas é que eu tampouco sou nenhuma visita!»

— E você é o que sempre celebra o carnaval! — disse o pai ao Udo.

— Queeee? — perguntou Udo.

— Anton nos contou que você celebra o carnaval ininterruptamente, por assim dizer.

— Ai! — gritou Udo, pois Anton acabava de pegar um forte pisão em seu pé por debaixo da mesa. Carnaval, murmurou, sim, naturalmente!

— E — perguntou o pai — onde o celebra, agora, em pleno verão?

— Onde? — Udo pôs cara de estupidez.

Como não lhe ocorreu nenhuma resposta, agarrou outro par de bolachas.

— Em algum lugar tem que celebrá-lo, não? — riu o pai.

— Deixa-o — disse Anton —, possivelmente não queira descobri-lo.

— Exato! — disse Udo assentindo.

O pai assinalou a capa e disse:

— Já está vestindo seu disfarce. Acaso vai hoje também ao carnaval?

— Ho... hoje não — disse Udo, mas A... amanhã sim. E, além disso, tenho-me que ir já.

— Já? — perguntou a mãe, que vinha da cozinha com café recém feito.

— Sim, por desgraça — disse Udo, ainda tenho coisas que preparar.

— Ah, sim? — sorriu o pai. Lavar seus dentes de vampiro? Ou não tem uma dentadura de borracha?

— De... dentadura de borracha? — perguntou Udo.

— Entretanto, um disfarce de vampiro deve ter uma dentadura de borracha! — disse o pai. Se não tiver uma dentadura apropriada não é um vampiro.

Udo tinha ficado completamente pálido. Inclusive as bolachas pareciam não lhe apetecer mais, pois se levantou e murmurou:

— Tenho-me que ir. — E se foi para a porta.

— Adeus, Rüdiger! — exclamaram surpreendidos os pais.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Adeus — disse Udo.

Anton o acompanhou à porta... Quando estiveram na escada perguntou:

— Por que te foste tão repentinamente?

— Por que? — disse Udo, rindo burlonamente. Porque não tenho nenhuma vontade de me deixar espremer como um limão! Além disso, conheço seu pai.

— Vou ficar louco! — disse Anton tomando ar. E da onde?

— Do escritório — respondeu Udo; meu pai e o seu estão no mesmo despacho.

— E não te reconheceu?

— Acredito que não — disse Udo, rindo. Assim, com a pinta que tenho...

Em voz alta acrescentou:

— Bom, Anton, tchau.

— Um momento! — gritou nervoso Anton agarrando Udo pelo braço. A capa!

— Ah, vá, o trapo! — disse Udo, tirando-a com repugnância pela cabeça. Aqui tem! De todas as formas não voltarei a pôr isso!

Anton a enrolou rapidamente e a colocou debaixo de seu pulôver.

— Tchau, Rüdiger — disse em voz tão alta que também seus pais tiveram que ouvi-lo; depois voltou para a porta da casa e a fechou.

Era uma bênção que Udo, esse tipo tão desavergonhado, partiu! Agora só tinha que pôr a capa em segurança!

Percorreu com precaução o corredor. A porta da sala de estar só estava encostada e ouviu a voz baixa de seus pais. Seguro que estavam sentados à mesa e falavam do suposto Rüdiger!

— Anton, perguntou a mãe ao passar ele, está aí?

— Em seguida! — gritou correndo rapidamente ao seu quarto.

— O que há? — perguntou a mãe.

— Nada — gritou de bom humor Anton enquanto escondia a capa debaixo da cama. Já vou.

Como esperado, seus pais estavam sentados à mesa, com caras preocupadas.

— E bem? — perguntou energicamente Anton. O que lhes pareceu?

— Bom, disse a mãe, muito falador não é.

— Nunca o é — esclareceu Anton.

— E tampouco tem precisamente as melhores maneiras na mesa — acrescentou ela.

— Efetivamente — disse Anton suspirando ao pensar nos quatro merengues que lhe tinham escapado.

— Não posso imaginar que esse Rüdiger seja seu amigo — opinou ela.

«Eu tampouco!», assentiu mentalmente Anton. Em voz alta perguntou:

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— E a você, papai, o que pareceu?

— A mim? — disse o pai. Não o vi apenas. Mas me parecia de certa forma conhecido. Se soubesse por que.

«Sim, sim, pensou Anton, que não pôde dissimular a risada, se você soubesse!»

— É o que você sabe? — perguntou o pai.

— Eu? —exclamou Anton pondo sua expressão mais inocente. Nada!

Uma sensação de vitória o embargava e quase gritava de júbilo: Tudo tinha saído exatamente como ele tinha planejado! E era mais que improvável que seu pai voltasse a pensar onde antes tinha visto Udo. Ou não?

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Cap. X

Ao entardecer

— Têm algo contra que vá o meu quarto? — perguntou Anton.

— Não — disse a mãe. Mas por quê?

— É que ainda tenho que fazer coisas para o colégio — murmurou.

Isso não era certo, mas sempre resultava uma boa desculpa que os pais aceitavam de bom grado. Em seu quarto deitou na cama.

«Esse estúpido Udo, Anton pensou, no que terá acreditado?!» Naturalmente, Anton estava contente de que, no geral, tivesse colaborado; e, contudo, tinha-o feito tão bem que os pais não tinham advertido nada. Mas a forma que se comportou na mesa...! Bom, agora seus pais sabiam ao menos quem era Rüdiger e no futuro já não o colocariam nervoso querendo saber quando poderiam conhecer seu amigo... Agora já o conheciam!

Anton deve ter dormir, pois quando abriu os olhos já estava escurecendo. A casa estava completamente em silêncio. Seus pais teriam saído? Anton foi à porta e escutou atentamente. Tampouco ouviu nada. Quando os pais estavam em casa estava acesa a televisão ou ligado o rádio; ou podia ouvi-los conversando. «Provavelmente foram passear», pensou Anton.

Tinha sede. Possivelmente ainda tinha sobrado algum chocolate que sua mãe tinha preparado para o Udo. Na geladeira encontrou um pedaço do bolo de requeijão, mas para beber só havia suco de laranja. Pôs o pedaço do bolo em um prato, serviu-se de um copo de suco e retornou ao seu quarto. No corredor sentiu um peculiar aroma de mofo que não tinha notado antes. Viria da capa? Mas essa cheirava muito mais a mofo. Rüdiger não podia ser porque sempre cheirava um pouco chamuscado! Então... outro vampiro?

Anton tinha deixado aberta a janela...

Abriu temeroso a porta e perguntou:

— Há alguém aí?

Em lugar de uma resposta ouviu uma suave risada oculta.

— Rüdiger? — exclamou ele na escuridão.

— Não — respondeu risonha, uma voz feminina.

— Anna? — exclamou Anton.

— Exato! — chegou a resposta, e se acendeu o abajur de Anton. Na luz viu Anna sentada em sua cama, sorrindo de bom humor. Estava diferente: seu cabelo, que no domingo lhe caía desgrenhado em mechas sobre os ombros, estava agora cuidadosamente penteado e brilhava. Seus olhos reluziam e suas bochechas se tingiram de rosa pela excitação, de forma que não estava tão mortalmente pálida.

O que podia querer com ele? Não seria...

Anna deve ter adivinhado seus pensamentos porque começou a rir com toda sua alma.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Esqueceste que me chamo Anna a Desdentada? — exclamou.

Anton se sentiu bastante estúpido. Por dizer algo lhe tendeu o copo e perguntou:

— Quer suco de laranja?

Ela sacudiu a cabeça.

— Mas se tiver leite...

— Um momento — disse Anton, e pouco depois voltou com um copo de leite.

— Obrigado — sorriu ela, e enquanto bebia em pequenos goles olhou para Anton de um modo que o desconcertava.

— Quer... levar outro livro emprestado? — perguntou Anton tossindo.

— Um livro? — disse. Não.

— E por que...? — deteve-se. Por que vieste?

— Só queria te visitar! — disse ela com um sorriso radiante. Você não tem nada contra, não?

— Eu? Não — murmurou.

— E o que te pareço hoje? — perguntou.

— Né...? Você...? — gaguejou. Be... bem!

— Sericamente? —disse satisfeita, atirando o cabelo. Foi tremendamente difícil —explicou. Não o havia tornado me a pentear a aproximadamente setenta e cinco anos!

Com um gesto de descontente sacudiu violentamente sua capa.

— Que coisa tão odiosa! — repreendeu. Sabe? Antes achava meu aspecto completamente igual. Mas agora... Seguro que você gostaria ainda mais com roupa normal, não te parece?

— Bom, disse Anton, você precisa desta para voar.

— Mas é injusto! — zangou-se. As meninas podem ficar como quiserem; só as meninas-vampiro têm que levar sempre estes farrapos!

Apertou os dentes e parecia refletir.

—Posso te perguntar uma coisa? — quis saber depois.

— Claro — disse surpreso Anton.

— O que lhe parecem os vampiros?

— Os vampiros?

Com essa pergunta ele não tinha contado.

— Bem, naturalmente — respondeu ele.

— A... as meninas-vampiro? — quis saber ela.

— As meninas-vampiro? — disse ele. É que só conheço você.

— Como eu me pareço? — perguntou Anna, rindo.

— Bonita — disse Anton, sentindo como ficava vermelho.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

O rosto dela havia decepção.

— Só bonita? — exclamou. Eu acho você muito, mas muito mais que bonito!

Ao dizer isto contraiu a boca como se fosse chorar.

E agora o que? Para Anton toda aquela conversação era incômoda; preferia falar de outras coisas menos embaraçosas!

— Onde... onde está Rüdiger? — perguntou, para trocar de tema.

— Rüdiger, soluçou ela, você somente pensa no Rüdiger, não?

— Não, respondeu Anton, mas ele queria a capa de volta hoje.

— Queria! —disse ela sorvendo-se.

— E bem? — disse ele. Não vai vir?

— Não — murmurou. Não pode.

— Não pode?

— Não, está doente!

— Doente?

Anton se assustou.

— foi... o guardião do cemitério? — perguntou com voz tremula.

Ela sacudiu a cabeça.

— Intoxicação de sangue — esclareceu.

— Intoxicação de sangue? —murmurou Anton. Não era uma enfermidade muito perigosa?

— E onde está agora?— perguntou.

— Com febre, no caixão.

Anton estava tão desconcertado que não sabia absolutamente o que devia dizer. Seguro que o pobre Rüdiger estava completamente sozinho no caixão e ninguém se preocupava dele!

Em troca, quando ele estava mau vinha o pediatra para vê-lo e seus pais deixavam junto à cama a mais saborosa fruta.

— Posso ir v... visitá-lo? — perguntou titubeando.

— Visitá-lo? — riu Anna. E se meus pais o virem? Ou meus avós? Ou minha tia? Ou meu irmão Lumpi?

— Então melhor que não — disse rapidamente Anton, os cabelos haviam ficado em pé só de ouvir mencionar os diferentes vampiros.

— Está muito doente?

— Quer dizer se for morrer? — perguntou Anna.

Anton assentiu. Não faltava muito para que começasse a chorar.

Mas Anna só riu ironicamente.

— Não se preocupe, disse, ele já está morto!

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Nisso não tinha pensado Anton. Apesar disso encontrou a explicação da Anna pouco tranquilizadora.

—Mas não se encontra bem — disse. Devemos cuidar dele.

—E o que é... cuidar? — perguntou ela.

Ao que parecia nunca tinha ouvido a palavra!

— Cuidar — disse Anton — é quando se ocupa de alguém, quando joga com ele, os livros, conta-lhe histórias, consola-o...

Pelo menos sempre tinha sido assim quando ele estava doente. Como seria entre os vampiros não o podia imaginar.

— Ninguém cuida da gente — disse Anna. Meus parentes ou estão no caixão e dormem, ou estão fora e... — Fez uma pausa. Bom, já sabe! Em qualquer caso, ninguém tem tempo para nós, e a mim ninguém tem lido nada, nem jogam comigo, nem tampouco me contam histórias!

sorveu-se o nariz e pôs uma cara afligida.

«Pobrezinha!», pensou Anton. Se isso era verdade, ser menino-vampiro era realmente um castigo!

Sempre tinha pensado que seus pais tinham pouco tempo para ele, mas em comparação com os vampiros o tratavam em casa como a um príncipe!

—Mas nós poderíamos cuidar do Rüdiger, propôs ele, logo que seus parentes saírem.

—E se um deles retorna antes de tempo? — perguntou Anna.

Anton fez um gesto denegando.

— Isso é improvável — disse. Além disso, eu já estive uma vez na cripta.

— O que...? — exclamou sobressaltada Anna. Você esteve já...?

— Pois é, disse Anton, com o Rüdiger.

— Ninguém os apanhou?

—Não; bom, quase. Tia Dorothee... — disse ele. Mas não se deu conta de nada porque me coloquei rapidamente no caixão do Rüdiger.

Anna fez um ruído como assobiando.

— Tia Dorothee..., disse, sabe que é a pior de todos?

— Se... seriamente? — gaguejou Anton.

— Sim! — disse Anna. Uma vez me quis..., inclusive apesar de que eu mesma sou um vampiro!

— Iiih! — escapou ao Anton, e ao lembrar-se da voz de Tia Dorothee na cripta, tocou-se involuntariamente no pescoço.

— Mas ela é a que fica mais tempo fora quase sempre — tranquilizou Anna. É a mais voraz... Venha, disse então, vamos à cripta?

— A cri... cri... cripta? — perguntou Anton, a quem, de repente, tinha-lhe abandonado todo seu valor—. Cre... cre que deveríamos?

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— com certeza que sim! — disse Anna. Você mesmo disse que deveríamos cuidar do Rüdiger.

— Bom, grunhiu Anton, se você acha...

— Vêem — apressou ela. Tem a outra capa, não?

Nervosa, subiu já no parapeito da janela.

— Vá cara que vai pôr Rüdiger! — riu.

— Oxalá isto saia bem! —disse Anton em voz baixa enquanto se cobria com a capa e se reunia com ela no parapeito.

Depois se puseram a voar.

Cap. XI

Histórias de vampiros

— Você sabe qual história que eu mais gostei do seu livro? Perguntado Anna quando estavam voando pela noite juntos. O vampiro de neve!

— O vampiro de neve? Disse Anton, que ainda não tinha lido todas as histórias.

— Será que você não leu? "Disse com um olhar sonhador e começou a contar", mora nas montanhas em uma velha casa completamente sozinho. Ali, depois do pôr-do-sol, têm que fechar as cortinas de todos os cômodos que se volta para o oeste, e aí deles se as abrirem!

— Por quê? Perguntado Anton.

— Espere, ela sussurrou. Um dia, há visitantes na casa e começa uma nevasca. Uma mulher vai até a janela e corre a cortina. Fora que você vê um vulto branco passando lentamente ao lado da casa.

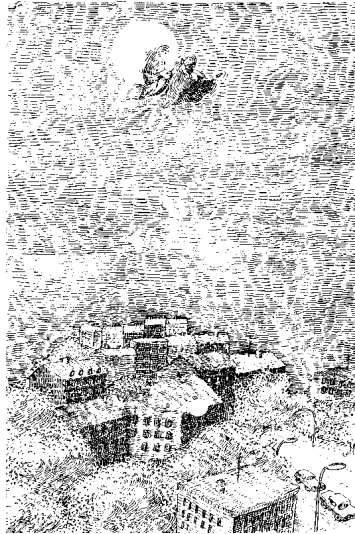
— O vampiro! Afirma Anton.

Anna concordou.

— Mas os visitantes não acham que ele é um vampiro! Eles acham que se trata de uma mulher que se perdeu no meio da nevasca. Eles saem para fazê-la entrar...

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg



— Então? Anton perguntou com os olhos brilhando.

— Na manhã seguinte a encontram. Está apoiada em uma árvore. A seu redor há pequenos buracos como se o vento tivesse levantado de um sopro a neve.

— Mas, na verdade era o vampiro de neve! Disse Anton.

— Exatamente! Disse.

— Eu gostei da noite de mariposa, disse Anton. Ela começa em uma noite chuvosa e tempestuosa. O homem que conta a história está sozinho. De repente chamam. Vai para a porta. Lá fora é uma mulher muito bonita. Ele tem cabelo preto, orelhas pontudas e os lábios muito vermelhos. Sua voz é singularmente profunda e rouca...

Anna riu.

— Ele a convida a entrar porque pensa que deve estar completamente encharcada...

— Naturalmente, ela não estava absolutamente molhada, não? —perguntou Anna.

— Não. Está completamente seca. O homem, entretanto, tem um cão...

— Brrr! — disse Anna estremecendo.

— ... e esse cão — prosseguiu Anton — lança ao vê-la um uivo de medo tão terrível que o homem tem que levá-lo ao jardim.

— E então? —perguntou Anna.

— Quando retorna o homem, a mulher lhe pergunta pelo caminho da cidade. O homem vai guiá-la e sai diante da porta com a lanterna na mão...

— ...mas a mulher desapareceu — completou Anna.

Em voz baixa Anton seguiu falando.

— O homem, entretanto, tem um amigo. Conta-lhe sobre seu visitante noturno. O amigo lhe acautela e lhe esclarece que a mulher é um vampiro. Mas o homem não acredita. Só lhe pede que fique com o cão durante um par de dias porque este parece, de repente, ter medo em sua própria casa.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Uma sorte! — suspira Anna. Os vampiros não gostam dos cães.

— De noite aparece a mulher pela segunda vez. Aproxima-se dele e lhe põe suas mãos gélidas sobre os ombros. Invade-lhe uma estranha indolência..., quando, de repente, sente entre seus dedos a Bíblia!

— O que?! — gritou Anna. E me conta isso?!

As aletas de seu nariz tremiam e olhava ao Anton com intensa indignação.

— Agora dirá em cima que o homem...

—... atravessou-o, sim senhor! — riu Anton, que estava tão imerso em sua história que não se dava conta absolutamente do efeito que causava na Anna. E quer saber com o que?

— Não! — chiou ela. Não!

— Com um fósforo! — anunciou Anton. Ela se converteu de repente em uma mariposa noturna e bastava um simples fósforo afiado!

Só agora olhou a Anna. Tinha um aspecto lívido como o de um cadáver.

— Você..., você, tio bruto! — gritou, e lhe corriam as lágrimas pela cara. O contaste só para me dar medo!

— Nnn... não, claro que não! — disse ele, assustado. Não pensei absolutamente que o assunto do fósforo lhe...

Mas ela sacudiu a cabeça em silêncio e apressou o vôo, de forma que o Anton já não a podia seguir.

— Espera! — gritou. Não pensei nisso. Não queria te assustar, seriamente que não. Perdoa, por favor!

Mas ela seguiu voando e rapidamente desapareceu da vista do Anton.

E agora? Devia seguir voando sozinho para cripta? Mas possivelmente lhe esperava ali, e quem podia saber de que espantosas ações um vampiro indignado era capaz. E se voava de volta para casa? Mas não seria isso uma traição para Rüdiger, que estava no caixão com uma intoxicação de sangue?

Enquanto Anton ainda refletia, viu aproximar uma pequena sombra. Ao princípio se assustou, mas logo reconheceu a cara da Anna.

— Estive pensando — disse ela em voz baixa. Já não estou zangada contigo, e você?

— Eu tampouco — disse timidamente Anton.

— Vêem, voemos então! — riu e lhe agarrou do braço. Em seguida chegaremos!

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Cap. XII

Primeiros Socorros

Anton já via ao longe o muro do cemitério. O céu estava completamente claro e a lua brilhava, de modo que o cemitério lhe pareceu muito menos lúgubre e inquietante. Ou talvez se devesse ao fato que o visitava já pela terceira vez? Anna seguiu revoando por cima do muro e se deixou pousar sobre erva. Anton a seguiu.

— Ali diante está à entrada, sussurrou, mas antes devemos esperar ver se tudo está calmo.

Anton assentiu.

—Sei, disse, o guardião do cemitério...

— Pssst! — vaiou ela.

Anton viu as lápides em ruínas que a erva alta já quase tinha coberto, as velhas cruzes mofadas entre o mato e os escuros abetos cuja sombra era a entrada para a cripta.

Anna escutava intensamente. Ao cabo de um momento ficou em pé.

— Tudo em ordem — disse. Podemos ir.

— Não quer..., ir você primeiro? —perguntou Anton.

De repente tinha uma sensação estranha no estômago, como se não tivesse comido nada durante dias e dias.

Anna o olhou surpreendida.

— por quê? —perguntou. Além do Rüdiger, seguro que não há ninguém lá embaixo .

—Mas poderia, como medida de precaução, olhar você primeiro — propôs Anton. Talvez tia Dorothee tenha tido um de seus desmaios. Ou, talvez, um vampiro tenha ficado na cripta para atender a Rüdiger. Por exemplo, a mãe..., Hildegard a Sedenta! Anton estremeceu.

— Está bem, disse Anna, olharei. Mas enquanto isso, você fica escondido.

Desapareceu no poço e Anton se agachou à sombra de um abeto.

Nesse momento ouviu suaves passos. Estavam ainda bastante afastados, mas no silêncio absoluto que reinava em qualquer parte podia percebê-los claramente. Um pânico gelado o percorreu.

Seria Udo outra vez? Mas como ele poderia tê-lo seguido, se ele tinha vindo com Anna pelo ar? Não, só havia uma explicação: o guardião do cemitério!

Anton pôde então reconhecer o homem. Era bastante baixo e se movia, espiando em todas direções, com muita cautela.

Quando se aproximou, viu Anton sua cara cinza e rugosa, que, com o nariz bicudo e os olhos claros e inquietos, recordava-lhe a cabeça de um rato. E Anton viu

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

mais ainda: dos bolsos da escura bata de trabalho que levava o homem apareciam varinhas de madeira e um grande martelo!

Anton apenas se atrevia a respirar. Para falar a verdade, ocultavam-no os espessos ramos do abeto, de modo que, de certo modo, podia sentir-se seguro, mas Anna... Apareceria em qualquer momento para recolhê-lo... e o guardião do cemitério estava a poucos metros de distância! Nesse momento examinava os abetos com olhadas especialmente conscienciosas!



Anton viu como se movia a pedra da cripta; então teve uma idéia: agarrou do chão uma grande pedra e a atirou tão longe quanto pôde.

A pedra fez um forte ruído ao cair e, então como que tocado por um raio, o guardião do cemitério voltou a cabeça e avançou até onde ocorreu o ruído. Ao fazê-lo uivou:

—Ao fim lhes tenho!

Anton viu como começava a cavar entre o mato agitando as estacas e o martelo como se fosse uma arma. Então se aproximou de onde estava Anna; tomando fôlego deslizou no poço e fechou o buraco de entrada sobre sua cabeça.

— Buff! gemeu, apoiando-se contra a fresca parede. A que ponto estive!

— O que? perguntou Anna.

— O guardião do cemitério, disse Anton ainda sem respiração, quase te vê empurrando a pedra!

— O guardião do cemitério? — exclamou ela. O viu?

— Eu a ele sim, disse, mas ele a mim não.

— E onde está agora?

Anton riu ironicamente.

— Procura pedras.

— Fazendo o que?

— Atirei uma pedra — esclareceu Anton — e ele está procurando agora ali onde ela caiu.

Anna respirou aliviada.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Acha que tem cara de rato? — riu ela.

— Ou de camundongo — disse Anton. Seja como for, é repugnante.

— Sim, verdade? — exclamou Anna. Em comparação, os vampiros são bastante bonitos... Sabe como se chama? Geiermeier!

— Como? — perguntou Anton.

Anna riu saltando alternadamente sobre cada um de seus pés.

— Geiermeier, até mesmo com bata se parece com um rato — cantou ela.

Da cripta subiu até eles uma rouca tosse.

— Rüdiger! — exclamou sobressaltado Anton. Como ele está?

— Ele? — disse Anna. Bem. Já se levantou. Mas agora é Lumpi que está deitado.

— Lumpi? — exclamou Anton. Quem era Lumpi? Ah, sim, o irmão mais velho! — E sabe que eu...?

— Claro — Anna sacudiu a cabeça. Não se preocupe com ele. Os meninos-vampiro se levam bem.

— E..., não me fará nada?

— Não, riu Anna, entre amigos não!

Desceram os degraus. Havia uma vela acesa e a sua luz permitia ver Rüdiger sentado em seu caixão lendo, enquanto no caixão ao lado dando voltas um vampiro grande e forte. Rüdiger levantou a vista de seu livro e colocou um dedo nos lábios.

— Está dormindo — sussurrou, lhes fazendo gestos de que se sentassem com ele no bordo do caixão.

— O que tem? — perguntou Anton.

— Gripe — esclareceu Rüdiger. Não é tão estranho, quando se sai unicamente de noite.

Anton observou furtivamente ao dormitório do Lumpi. Um pouco parecido com o Rüdiger era inegável, mas a cara do Lumpi se via ainda mais pálida e seus olhos jaziam em covas ainda mais escuras.

— Parece realmente doente — sussurrou.

— Verdade que sim? — assentiu Rüdiger. Completamente debilitado, o pobre!

Lumpi lançou então um profundo grunhido que fez retroceder assustado Anton... Oxalá fora certo o que Anna lhe tinha contado sobre o suposto caráter inofensivo de seu irmão mais velho!

— Ce... certamente queria te visitar, Rüdiger — disse — mas agora, já que estão...

— Não vais embora tão cedo?! — exclamou Anna.

— Eu... devo ir para casa apesar de tudo — murmurou Anton. Não tenho chave...

O principal era sair dali antes que Lumpi despertasse...

Mas já era muito tarde, pois Lumpi abriu nesse momento os olhos. Resmungando se levantou e olhou fixamente ao Anton.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Quem é este? — disse com voz profunda.

— Mas Lumpi — disse Anna tranquilizando-o. Este é Anton, de quem já lhe falamos!

— Ah, vá! — disse decepcionado Lumpi. Anton... Mas apesar de tudo tenho fome! — rugiu ele.

— Amanhã poderá voar de novo com outros — consolou Anna.

— Uaaah! — disse Lumpi bocejando.

Para isso abriu bruscamente a boca com tanta veemência que Anton viu as reluzentes e brancas filas de dentes das que se sobressaíam as presas de pelo menos dois centímetros. Anton teve calafrios.

Se pudesse sair da cripta...! Naturalmente, não devia ter medo de Lumpi, pois alguém que tem medo é sempre uma presa fácil...

Lumpi sorria agora.

— Não te aproxime tanto — disse para Anton, se não posso te contagiar.

— Né..., sim — disse Anton, a quem, de todos os modos, horrorizava-lhe aproximar-se do Lumpi. Possivelmente o melhor seria ir... ir em... em seguida a casa.

— Por quê? — disse Lumpi rindo ironicamente. Não gosta de ficar conosco?

— Sss... sim — gaguejou Anton. O... dizia só pelo perigo de contágio...

— Agora vamos jogar uma partida de «Vampiros não se zanguem» — declarou Lumpi tirando do caixão uma caixa de cartão alargada.

— Que bom! — exclamou excitada Anna. Vêem, Rüdiger, me ajude a montar a mesa de jogo.

Dirigiram-se a um pequeno caixão que estava junto à parede, tiraram-lhe a tampa e a levaram a galeria diante do caixão do Lumpi. Ali a viraram, de modo que a parte plana ficava como uma mesa de jogo.

Lumpi colocou o tabuleiro em cima e dispôs as peças. Os vampiros se sentaram em torno, sobre os caixões, e Anton os imitou vacilando.

— Eu quero as fichas negras — declarou Lumpi.

— E eu as vermelhas — disse Anna.

— E você que cor quer? — perguntou Rüdiger para Anton.

— Eu? Né..., amarelo.

— Quem começa?

— Anton — disse Lumpi. As visitas sempre começam.

Entregou para Anton o dado e Anton atirou: saiu quatro.

— Má sorte, disse malicioso Lumpi, rindo entre dentes, só pode sair com um seis.

Então atirou Rüdiger e Anton teve tempo de olhar o jogo: era exatamente igual ao «Homens não se zanguem» de casa, só que neste estava escrito com letras negras « Vampiros não se zanguem ».

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— De onde..., quero dizer, como conseguiram o jogo? —perguntou sussurrando para Anna, que estava sentada junto dele.

— Tio Theodor — disse — o encontrou.

— O encontrou? —perguntou incrédulo. Onde podia encontrar um jogo assim?

— Bom, ela riu, possivelmente o agarrasse simplesmente.

Nesse momento atirava Lumpi. Tirou um dois.

— Que nojento! — rugiu, lançando o dado longe, com raiva.

Rüdiger correu atrás dele e o pegou. Agora deu para Anna. Atirou o dado com grande energia. Ficou muito perto da borda do tabuleiro: seis.

— Não vale! — gritou Lumpi. Está roçando na borda!

— De maneira nenhuma! — chiou Anna. Está justo em cima do tabuleiro!

Antes que ela pudesse pegar o dado, Lumpi golpeou com o punho o tabuleiro, de modo que o dado voou em um elevado arco pelos ares.

Anna ficou vermelha como um tomate, totalmente vermelha de raiva.

— Nunca soube perder, nunca! — gritou.

Lumpi pôs cara ofendida e não disse uma palavra. Cheio de dignidade voltou a deitar-se no caixão e fechou os olhos. Rüdiger encolheu os ombros e depois começou a procurar as peças caídas entre todos os caixões e às pôr na caixa de cartão. Enquanto isso, do caixão de Lumpi chegou um ronco satisfeito.

— Está dormindo? — perguntou Anton sussurrando.

Anna sacudiu a cabeça.

— Só finge dormir. Mas aí de quem lhe incomode!

— Sim que é irascível — disse Anton em voz baixa.

— Pssst! — disse Anna. Não o provoque. Está na puberdade.

— Na... o que? — quis saber Anton.

— Nos anos de desenvolvimento — esclareceu Anna.

— Ah, vá — disse Anton pensando na voz do Lumpi, às vezes aguda e às vezes grave.

— Então está trocando a voz.

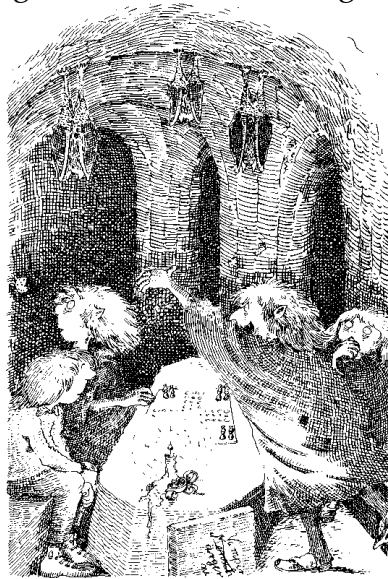
—Exato, disse Anna, e por isso é tão sensível e se ofende com tanta facilidade. Mas sabe o que é o pior?

—Não, o que? —perguntou Anton.

—Que nunca trocará. Morreu precisamente na puberdade!

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg



Nesse momento começou a ranger a pedra do buraco de entrada. Lumpi fez como se dormisse, mas Rüdiger ficou parado e olhava fixamente a entrada da cripta com os olhos dilatados de medo.

Anna colocou Anton para o lado e sussurrou:

— Tem que se esconder!

— Mas onde? — exclamou Anton.

— Pois..., em algum caixão!

— Em... então no do Rüdiger — gaguejou Anton.

Esse, ao menos, conhecia-o e já tinha superado uma vez com vida o repugnante aroma de seu interior. Quem sabia que surpresas ocultavam os outros caixões!

Anna o ajudou a meter-se dentro e fechou a tampa sobre ele. Rápidos passos vinham descendo a escada e uma voz muito bem conhecida para Anton gritou:

— Ai, isto só podia acontecer comigo!

— O que ocorre, tia Dorothee?

— Minha dentadura — se queixou ela. Devo tê-la esquecido no caixão.

Anton ouviu como corria pela cripta.

— Aqui está! — exclamou aliviada. Imagine se tivesse desaparecido!

Ao que parecia, já se tinha colocado a dentadura, pois suas últimas palavras tinham sido muito mais claras e compreensíveis.

— Bom, vou outra vez — disse, mas de repente se deteve. Diga-me, Rüdiger, exclamou, por que não está no caixão?

— Já estou muito melhor — respondeu Rüdiger.

— Não! Isso não posso permitir — declarou tia Dorothee. Se sua mãe soubesse! Rüdiger, agora mesmo para o caixão.

O coração de Anton quase parou!

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Aproximaram-se passos, levantaram a tampa e uma figura se meteu junto de Anton no caixão.

— Vê-o? — sussurrou Rüdiger. É suficiente para dois.

Em voz alta exclamou:

— Boa noite a todos! — E fechou sobre eles a tampa do caixão.

Ouviram quando tia Dorothee subia a escada e depois de alguns minutos, Anna anunciou:

— Partiu! Podem sair!

Mas só um débil gemido saiu do caixão, e ao abrir Anna, cheia de idéias receosas, a tampa, viu como Rüdiger se inclinava sobre o Anton, que tinha os olhos fechados.

Assustada, gritou:

— Rüdiger! Você atacou Anton?!

Seu chiado despertou Anton.

Logo que viu o vampiro inclinado sobre ele, soltou também um selvagem uivo.

Lentamente, Rüdiger levantou a cabeça.

— Estão loucos? —disse tranqüilamente. Eu só fiz respiração artificial...

— Respiração artificial? — perguntou desconfiado Anton, tocando o pescoço..., mas não se notou a mais mínima mordida e tampouco parecia sangrar.

— Tinha desmaiado —esclareceu Rüdiger— e então pensei...

— Ah, você, o repreendeu Anna, você e seu curso de primeiros socorros!

— Bom, me... vou — disse abatido Anton.

Suas pernas se dobravam como se fossem de borracha. Lentamente se levantou e saiu do caixão.

— Pobre Anton! —disse Anna, lhe acariciando o rosto. Para consolá-lo levou para casa.

— Obrigado — murmurou Anton.

Juntos subiram os degraus. Já quase estavam em cima, quando Rüdiger apareceu junto a eles, com cara compungida.

— Perdoa, Anton, disse envergonhado, eu... eu só queria te ajudar. Não acredita que...?

— Não — disse Anton lhe tendendo a mão. Já está esquecido.

— Me alegre! — suspirou Rüdiger. Pensei que não iria mais querer me ver.

— Vêem Anton — exclamou Anna da entrada. Não há ninguém.

— Então, disse Anton deslizou no estreito poço, até na sábado.

Não pôde ouvir a resposta do Rüdiger, pois Anna atirava dele para cima.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Cap. XIII

Também

O ar fresco da noite fez Anton voltar a si em um instante. Ele respirou grandes baforadas e estirou os membros, que tinham ficado duros.

Anna o olhou sorrindo.

— Passou um mau momento? — perguntou.

— Quer dizer no caixão? — disse Anton—. Não.

Sentia-se bem outra vez, e nem Lumpin, nem tia Dorothee, podiam ser perigosos para ele!

— Só estava um pouco apertado — disse — e um pouco... sufocante.

— Sufocante? — riu para dentro Anna. Bom, não podemos arejá-lo nunca. E, além disso, as velhas capas...

De repente pareceu recordar algo e olhou intranquãla ao redor. Sussurrou:

— Deveríamos ir: quem sabe por onde ronda Geiermeier...?!

— Viu-o?

— Não. Mas apesar disso é melhor irmos.

Elevou-se no ar e, depois de alguns movimentos inseguros, Anton a seguiu.

— O que sempre quis te perguntar — disse ela — é se realmente há histórias de amor com vampiros.

— Histórias de amor? — Anton refletiu. A da mariposa noturna era uma...

— Iiih! — bufou Anna. A isso você chama de historia de amor? Se no final morre o vampiro!

Durante um momento voaram lado a lado sem dizer uma palavra.

— Uma vez li uma história que terminava feliz — disse de repente ela, com entusiasmo.

— Ah, sim? — disse Anton. Como terminava?

— Ao final os dois viraram vampiros e viveram juntos para sempre!

— O que?! — exclamou Anton. A isso você chama de final feliz?

— Você não?

Ela o olhou com olhos grandes e resplandecentes.

— Não quer que você e eu...?

Agora Anton devia tomar cuidado para não dizer nada que a ofendesse!

— Sabe? — começou.

— Sim?

— É que eu não posso me tornar um vampiro!

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Como não?! — exclamou ela. Se eu lhe...

Fez uma pausa porque não estava completamente segura se convinha iniciar Anton em todas as particularidades da vida de um vampiro. Possivelmente o ia espantar.

— Pois bem, se eu, logo que tenha meus dentes, lhe... — acrescentou cerimoniosamente.

— Mas é que eu não quero ser um vampiro! — exclamou Anton.

— Não? — exclamou incrédula Anna.

— Não! — disse ele, indignado pela desfaçatez com que pretendia fazer dele um vampiro. Não tenho nenhuma vontade de sê-lo!

Era realmente muito para ele!

Irritado, seguiu voando sem olhar a Anna. Só quando ouviu detrás de si um soluço deu a volta.

— Você... você não me quer — balbuciou ela. Você tem outra noiva!

— Não — disse Anton. Claro que não!

— Seriamente que não?

— Não!

Ela suspirou aliviada, passando a mão pelos olhos.

— Não me importa que não seja um vampiro — disse. O principal é que nos queremos!

Ao dizer isto, voltou a rir.

— É... estamos chegando — gaguejou Anton, apesar de que ainda faltavam pelo menos quinhentos metros para chegar a sua casa...

Mas por que Anna falava sempre de coisas que lhe desconcertavam?!

— Acredito que vejo luz — exclamou, e começou a voar mais depressa.

Outras vezes nunca tinha pressa por chegar a casa, mas com a Anna ao lado... Quem sabia mais que perguntas delicadas poderia fazer?!

Na sala de estar de seus pais a televisão estava ligada. Anton confiava que seus pais ainda não haviam notado sua ausência. Então poderia simplesmente entrar às escondidas em seu quarto.

— A janela está fechada — sussurrou Anna, cujos olhos viam de noite muito melhor que os seus.

— Fechada! — exclamou assustado Anton.

E ao aproximar-se comprovou que realmente as folhas da janela tinham o ferrolho travado. Nem sequer a veneziana estava aberta.

— Agora terei que tocar a campainha — murmurou — e então vão se inteirar de tudo.

— Pois diga que estava passeando — propôs Anna.

— Direi simplesmente a verdade — decidiu Anton. De todas as maneiras não irão acreditar!

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Anna o acompanhou até a porta do edifício. Ali Anton tirou a capa e a deu. Ela ficou de repente muito triste.

— Adeus, Anton — disse em voz baixa, e sem voltar-se desapareceu na noite.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Cap. XIV

Perguntas delicadas

Enquanto Anton subia o elevador tentando imaginar o que diria os seus pais. Estariam zangados? Ou coléricos? Ou decepcionados?

De todos os modos, não podia significar nada de bom que a porta da casa estivesse fechada quando saiu do elevador. Quando tocava o interfone, havia sempre alguém na porta esperando-o amavelmente.

Tocou a campainha e esperou. Ouviu os passos da mãe, que se aproximava sapateando. Depois abriu a porta.

— Sabe a hora? — perguntou a mãe em lugar de saudá-lo.

— Nove? — disse Anton.

— São nove e meia! — exclamou ela em tom de recriminação. Estamos-lhe esperando desde as nove! Temos que falar com você!

Dito isto, deu a volta e retornou à sala de estar.

Anton a seguiu..., lentamente e com sentimentos confusos.

O pai estava sentado no sofá. Quando Anton entrou ficou de pé e desligou a televisão, o que, em outras ocasiões, não acontecia nunca.

— Onde estava? — perguntou.

— Eu? Fui dar um passeio.

— Seja seja. Dar um passeio! Às nove e meia meu filho, com nove anos e aluno de terceiro curso, vai passear. — Fez uma pausa —. E onde você estava, pode-se saber?

— Ah, disse Anton, por aí...

— Vá lá! Isso, naturalmente, é uma informação precisa!

A comissura dos lábios do pai começou a contrair-se convulsivamente e isso ocorria sempre que estava irritado, mas não queria mostrar sua raiva.

— Além disso, volta a cheirar estranho — disse a mãe. Anton é você?

De repente, Anton se sentiu examinado dos pés à cabeça, e cheio de intranquilidade, olhou-se de cima a abaixo, se por acaso houvesse alguma pista delatadora de sua visita à cripta..., por exemplo, terra do cemitério nos sapatos.

Mas não se via nada.

— Acendestes fogo? — perguntou a mãe.

— Não — disse Anton.

Já voltava a começar com isso!

— Possivelmente outros acenderam fogo e você olhou somente.

— Não!!

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Ou fumaste?

— Tampouco!

— E como é que cheira assim?

— Isso não sei. Possivelmente seja pela Anna.

— Anna?

O pai escutou atentamente.

— Quem é Anna?

— Minha noiva.

— Você..., o que?

— A irmã do Rüdiger.

— A irmã de quem? —exclamou o pai. Do Rüdiger?

— Sim — disse Anton, que não podia explicar o que estava deixando o pai tão excitado.

— Não me engana? — perguntou o pai.

— Não! — respondeu Anton.

— Está bem! — exclamou o pai saltando sobre o sofá podemos comprová-lo em seguida.

— Vais chamar por telefone? — perguntou a mãe.

O pai assentiu e abriu a guia Telefônica.

—... Holzapfel; aqui está: Holzapfel, Heinrich, empregado.

— E quem é Holzapfel? — perguntou com precaução Anton.

O pai lhe lançou um olhar zombador.

— Posso imaginar que não saiba quem é Holzapfel —disse enquanto marcava.

Ao outro lado do fio parecia haver ficado alguém, pois o pai disse com voz completamente trocada:

— Senhor Holzapfel? Sou Bohnsack. Perdoe a moléstia. Só uma breve pergunta: meu filho afirma que sua filha Anna... O que? Que não tem nenhuma...? — Fez uma pausa. Entendo... — disse então. Muito obrigado outra vez!

Pendurou satisfeito o auricular e se dirigiu ao Anton:

— Sabe que seu suposto amigo Rüdiger não tem nenhuma irmã? Só um irmão, e se chama Leão!

— Leão? —perguntou Anton.

— E no que diz respeito a seu Rüdiger..., não se chama Rüdiger, nem tampouco Rüdiger Udo, a não ser só Udo!

— Udo? — disse perplexo Anton.

Então compreendeu. Tinha que ser o Udo que ele tinha feito passar pelo autêntico Rüdiger! Uma terrível suspeita cresceu nele: ao fim e ao cabo, Udo tinha o apelido de «Periquito»... Teria chamado a seus pais — os do Anton — e o teria contado tudo? Não, seria uma grande droga e não o acreditava capaz!

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— E bem? — perguntou o pai. O que tem que dizer?

— Eu? — titubeou Anton. Disse-me que se chamava Rüdiger.

— E a irmã? Como disse que se chamava?

— Ela? —disse Anton. Anna, naturalmente.

— Maldita seja outra vez! Não acabo de dizer que Udo não tem nenhuma irmã?!

— Mas Rüdiger sim! — disse obstinado Anton.

Então interveio a mãe.

— Anton, disse, tem que admitir ao menos que é muito estranho que vá passear com uma irmã que em realidade não existe absolutamente. Não vais dizer-nos a verdade?

— Eu já não entendo absolutamente nada — disse Anton.

— Está bem.

O pai se esforçava claramente por permanecer tranqüilo.

— Reconheci a seu suposto Rüdiger. É o filho de meu colega de trabalho e não se chama Rüdiger von Schlotterstein, a não ser Udo Holzapfel!

— E por que não disse logo? — perguntou Anton.

O pai ofegou.

— Por quê? — gritou. Porque queria ouvir primeiro o que meu senhor filho tinha que dizer!

Pelo menos Anton já sabia o que acontecia!

— Parece-me que ainda não conhecemos o verdadeiro Rüdiger, opinou a mãe, se é que realmente existe um Rüdiger que tem uma irmã chamada Anna. Mas diga-me Anton, por que não nos apresentaste ao verdadeiro Rüdiger?

Contra sua vontade, Anton teve que rir. A mãe, com suas maneiras frias e reflexivas, descobria sempre muito melhor seus segredos que o pai com suas recriminações e seus alvoroços!

— Foi assim..., disse Anton, vocês sempre insistiram que devia trazer o Rüdiger. Mas Rüdiger não queria vir, e então perguntei ao Udo. Além disso, acrescentou, eu não sabia que Udo se chamava Holzapfel!

— E por que Rüdiger não queria vir? — perguntou a mãe.

— Porque... ele sempre se levanta muito tarde e além disso não gosta nada de bolos. E é um pouco estranho.

A mãe riu.

— Mas isso não importa! Os tipos estranhos fazem os encontros divertidos. E não tem que comer se não quiser.

— Mas isso o deixa incômodo — disse Anton.

— Incômodo? — perguntou a mãe. Por quê?

— Além disso, cheira mal.

Agora riu também o pai.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Que amigos que você tem!

— E tampouco sabe comportar-se corretamente.

— Mas, Anton, disse a mãe, não é muito mais importante que alguém tenha ou não um bom coração?

Anton ficou pálido.

— Bo... bom coração? — disse. O que quer dizer com isso?

Teria se dado conta de algo sua mãe? Mas estava pondo, realmente, uma cara muito alegre.

— Que possa confiar nele — esclareceu mãe. Que não te deixe na mão.

— Ah, bom — disse aliviado Anton.

— Você vê? — disse a mãe; e se você gostar, então nós também gostaremos.

— Você acha? — perguntou Anton pondo cara de incredulidade. Vocês gostam então... de vampiros?

— Já começa outra vez com seus vampiros! — riu o pai.

A mãe parecia zangada.

— Eu não acho graça — disse.

O pai riu ainda mais.

— Bom, quando veremos o Rüdiger, o famoso vampiro?

— Eu..., é que tenho que perguntar primeiro — murmurou Anton. Pos... possivelmente a semana que vem.

De repente se sentia morto de cansaço e só tinha um desejo: ir para cama!

— Deixa a janela fechada! — gritou-lhe a mãe quando ele já estava na porta. Ultimamente há mosquitos grandes voando ao redor da casa...!

— Sim — disse Anton voltando-se rapidamente para que os pais não pudessem ver sua risada. Boa noite!

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Cap. XV

Um novo colega

No meio da noite, Anton acordou. Ele esfregou os olhos e piscou... onde eu estava? Em um momento se encontrava sentado a uma larga mesa com todos os vampiros, e Sabine von Schlotterstein a Horrível havia feito um discurso... Mas agora estava deitado em sua cama!

Junto dele o despertador fazia tic—tac e a débil luz que entrava pela janela desenhava os contornos na escrivaninha. Anton tomou fôlego. Durante um instante tinha acreditado que se encontrava no cemitério, aonde ia ser celebrada uma grande festa!

Tentou lembrar-se..., sim, agora lhe voltava a memória: um novo vampiro ia ingressar na família! Para celebrar o dia, os vampiros tinham adornado a cripta. Negras velas luziam em altos candelabros de prata; tinham juntado os caixões formando uma mesa e a haviam coberto com uma grande toalha negra. Na cabeceira da mesa estava Sabine a Horrível; aos lados se sentavam outros vampiros; a sua direita, Ludwig o Terrível, Hildegard a Sedenta, tia Dorothee e tio Theodor; a sua esquerda, Wilhelm o Tétrico, Lumpi o Forte, Rüdiger e Anna a Desdentada. Ao lado da Anna estava sentado..., ele mesmo, Anton! E agora sabia o que lhe esperava!



Sabine a Horrível se levantou de seu lugar e, depois de pigarrear várias vezes e ter mostrado seus horríveis dentes, disse:

— Queridos parentes! Tenho hoje a grande honra de lhes apresentar um novo colega!

Fez uma significativa pausa. Então levantou a mão e assinalou para Anton, e de repente todos os olhos se dirigiram para ele. E que olhos! Olhos incandescentes que quase o devoravam!

— Todo nosso agradecimento a Anna, que ganhou Anton para nós! — prosseguiu Sabine a Horrível, e como sinal de estima os vampiros tamborilaram com os punhos nos caixões.

— E agora vamos fazer do Anton um autêntico vampiro! — exclamou.

Então os vampiros se levantaram precipitadamente, e como se houvesse um sinal, começaram a gritar da maneira mais espantosa e a fazer girar os olhos em suas órbitas. Lentamente, muito lentamente, aproximaram-se dele. Sabine a Horrível

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

ia à cabeça e estendia seus largos dedos com unhas como garras..., mas antes que o alcançassem despertou!

Anton se sentou na cama e olhou o despertador: as três! Suspirando, voltou-se a tomar e fechou os olhos. Oxalá esta vez pudesse dormir em paz!

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Cap. XVI

Ouvidos aguçados

— Não parece muito acordado — disse o pai de noite.

Estavam sentados no sofá esperando o começo de um documentário sobre animais.

Anton bocejou.

— Vou para cama em seguida.

— Seu passeio de ontem foi exaustivo, não?

— Hoje fiz um exame de Matemática — declarou Anton. Como se o colégio fosse um prazer!

— E bem? — perguntou a mãe. Sabia tudo?

— Bom... — disse Anton.

Nesse momento soou o telefone. O pai foi ao aparelho.

— Bohnsack — disse com voz enérgica. Mas um momento depois se pintou em seu rosto uma expressão de surpresa.

— Com quem quer falar? Está seguro de que marcou bem?... Um momento.

Tampou o auricular com a mão.

— Estão endoidecidos, disse sussurrando, não posso entendê-los absolutamente. Ofegam tanto! Não serão teus alunos?

— O que? — exclamou indignada a mãe agarrando o telefone. Bohnsack — respondeu. Quem está aí?... Com quem? Quer falar com o Anton?

Olhou ao Anton com o cenho franzido.

— Para ti — sussurrou.

— Quem é? — perguntou o pai.

A mãe se encolheu de ombros.

— Nem idéia. Falam como se estivessem com a mão diante da boca.

Enquanto isso, Anton pegou o telefone.

— Olá — disse.

Ao outro extremo do fio se ouviu uma risadinha.

— Quem é? — exclamou.

— Sou eu, Anna! — a resposta chegou muito baixa e débil, mas claramente compreensível.

Anton sentiu que ficava pálido.

— Você..., você... — murmurou.

Valente surpresa! E os pais estavam junto a ele escutando cada palavra que dizia!

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Quem é? — perguntou o pai.

— Anna — informou Anton a contra gosto.

— E o que quer? — perguntou a mãe.

— Não sei — s e queixou Anton. Não ouço nada!

— Segue zangado comigo! — perguntou agora Anna. Quero dizer pelo de ontem... Porque eu não...

— Não, não — disse rapidamente Anton. Absolutamente.

— Tenho uma surpresa para ti!

— Uma surpresa?

Pela extremidade do olho viu como os pais trocavam um olhar significativo.

— E o que... o que é? — perguntou.

— Uma história — disse ela. Uma autêntica história de amor de vampiros.

Ao dizer as últimas palavras riu tão forte logo que pôde entendê-la.

— Posso ler isso esta noite?

— Ho... hoje melhor que não — gaguejou. Amanhã possivelmente?

— Bem, disse ela, amanhã. A que hora?

Anton olhou a seus pais e refletiu.

— Minha avó tinha vinte e um relógios — disse então, e riu em silêncio das caras estupefatas que punham seus pais. Isso lhes passava por escutar conversações alheias!

Mas Anna tinha compreendido.

— Então, às vinte e uma horas! —disse.

— E... o que faz Rüdiger? — perguntou Anton.

— Já está voando outra vez — disse Anna. Tinha uma fome tremenda.

— Ah, sim?

Como sempre que falava dos costumes gastronômicos dos vampiros, invadiu-lhe uma sensação estranha.

— Então..., saúda-o de minha parte — disse, porque não lhe ocorria outra coisa.

Por que tinham que estar os pais de pé a seu lado como se tivessem criado raízes?! Não podiam ir para a cozinha?!

— Então..., adeus — disse.

— Até manhã! — respondeu Anna.

Depois desligou.

— O que? — disse o pai com fingida surpresa. Já terminaste?

— Sim — grunhiu Anton.

— O que é que ela queria? — perguntou a mãe. Uma avó que tinha vinte e um relógios?

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Uma pequena piada.

— E por que não convidaste a Anna? — quis saber o pai.

— Por que... não me ocorreu.

— E ao Rüdiger? — disse a mãe. Já o convidaste?

— Não.

— E por que não?

— Porque ainda não o vi.

— Não está em seu colégio?

Anton teve que rir.

— Não.

Agora a mãe parecia surpreendida.

— Não?

— Tem... aulas... particulares — murmurou Anton.

Tinha ouvido uma vez que existia algo assim!

— Aulas particulares? — maravilhou-se a mãe. É porque está doente?

— Em realidade, não — disse Anton. É só porque dorme muito.

A mãe sacudiu incrédula a cabeça.

— Veja o que você faz! — disse.

— Sim, sim — riu o pai—, ao nosso Anton não falta fantasia!

— Vocês devem sabê-lo — disse ofendido Anton, e partiu.

Deu uma ruidosa portada ao sair. Primeiro o espiavam, logo o interrogavam..., e ao final riam dele... Se isso não era um motivo para encolerizar-se!

Encontro de pijama

Na noite seguinte Anton foi muito cedo para a cama. Às sete e meia, já havia se lavado e posto o pijama.

— Já vai dormir? — maravilhou-se a mãe.

— Não, vou ler um pouco — disse Anton.

— Mas as oito apaga a luz!

— Sim. Boa noite.

Em seu quarto só fechou as cortinas até a metade. Havia ainda tanta claridade que não necessitava luz.

Tirou da estante seu novo livro Historia inquietantes, voltou para debaixo do cobertor e começou a ler. Já a primeira história era interessante: tratava de dois homens jovens que chegavam de noite a um horrível chiqueiro...

Passos suave ressoou no corredor, e a princípio Anton se sobressaltou assustado. Logo se deu conta de que era sua mãe, e rapidamente colocou o livro debaixo do travesseiro e fingiu dormir. A porta se abriu com cuidado, fechando-se pouco depois. Os passos se afastaram. Isso; agora já não tinha que temer mais moléstias, pois seus pais pensariam que estava dormindo!

Ficou ainda mais cômodo, colocou um segundo travesseiro sob a cabeça e acendeu o abajur da mesinha. Depois tirou seu livro e procurou a página.

Nesse momento chamaram à janela e Anton se incorporou precipitadamente. Fora já estava quase escuro, de modo que só reconheceu uma sombra. Deixou o livro de lado e foi à janela.

No batente estava Anna. Anton jogou a cortina a um lado e abriu a janela.

— Boas, Anton — disse Anna, entrando escorregadia como uma gata no quarto.

— Boas — disse Anton, sentindo que ficava vermelho.

Menos mal que estava escuro!

— Cheira algo? — perguntou ela alegremente.

— Né..., sim — murmurou Anton.

O que tinha que responder? Que cheirava a mofo, pó de traça e ar de caixão? Mas seguro que ela não queria ouvir isso!

— Meu perfume — esclareceu ela. «Muftí elegante»!

— O que? —disse ele. Muftí elegante? Isso não o tinha ouvido nunca.

— Não podia! — assegurou ela cheia de orgulho. Minha mãe mesma o fabrica. É só para vampiros!

Ao dizer isto, ficou diante dele e estirou seu pescoço.

— Cheira agora? Não é infernal?

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Humm..., sim — disse Anton, que poucas vezes tinha cheirado algo tão repulsivo. Muito... intenso.

— Verdade? Só o levamos em ocasiões especiais.

— Cheira assim um pouco como a cebolas — disse Anton.

Seus olhos começavam a lacrimejar e lhe picava o nariz.

— É que cebola é o ingrediente principal — esclareceu ela. Além disso, leva também cogumelos pestilentos e brotos fedidos.

— lllih! — exclamou Anton.

Anna pôs uma cara ofendida.

— Pensava que você gostava!

— Sim, sim, disse Anton assustado, só que é algo... incomum.

— E se pusermos música? — perguntou Anna.

— Mu... música? — murmurou ele, olhando à porta. Sabe?, Meus pais pensam que já estou dormindo.

— Ah, vá — disse Anna, decepcionada.

Mas depois seu rosto se iluminou de novo.

— Eu queria ler algo — exclamou. Uma autêntica história de amor de vampiros!

Tirou de debaixo de sua capa um montão de folhas amareladas e as alisou cuidadosamente. Anton viu que estavam esmeradamente escritas com uma caligrafia infantil, grande e redonda.

—É seu? — perguntou.

Ela baixou os olhos.

— Sim — disse com voz apagada. E começou:

«Havia uma vez um rei e uma rainha que desejavam muitíssimo ter um filho. Mas nunca tiveram nenhum. Mas um dia que a rainha estava no banheiro apareceu na água uma rã, que saltou a terra e lhe disse: "Seu desejo será completo". E antes que passasse um ano, rainha-a deu a luz um varão. Como se alegraram tanto, celebraram uma grande festa a que convidaram a todos seus familiares, amigos e conhecidos, e também às fadas que deviam trazer sorte ao menino. Mas havia no reino treze fadas e, como só havia pratos dourados para doze, uma delas tinha que ficar em casa. A festa se celebrou com toda pompa e quando terminou as fadas agradeceram ao menino com seus dons: a uma com saúde, a outra com inteligência, a terceira com beleza, e assim em tudo aquilo que é desejável neste mundo. Quando onze delas haviam dito seus oráculos, entrou a décimo terceira, que não tinha sido convidada, e gritou em voz alta: "O príncipe se cravará com um fuso aos quinze anos e cairá morto!". Então se adiantou a décima segunda, que ainda não tinha feito seu presente. Como não podia levantar o malefício, a não ser só suavizá-lo, disse: "Não morrerá, só dormirá cem anos".

— Como? — disse Anton, ao que a história lhe resultava conhecida. Um sonho de cem anos?

— O rei, que queria salvar a seu menino querido da desgraça, deu ordem de que todos os fusos do reino deviam ser queimados. Aconteceu que o dia em que o príncipe completou os quinze anos, o rei e a rainha não estavam no palácio. Então

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

ele se dedicou a explorar e, ao final, foi dar em uma velha torre. Subiu a estreita escada e chegou a uma pequena porta. Na fechadura havia uma chave oxidada, e ao fazê-la girar se abriu a porta; ali, em uma pequena câmara, estava sentada uma velha mulher fiando fio com um fuso. "Que objeto é esse que salta de forma tão divertida?", perguntou o príncipe; aproximou-se do fuso e quis também fiar. Logo que se aproximou do fuso, cumpriu-se o encantamento. cravou no dedo e desabou sobre a cama que havia ao lado, caindo em um profundo sono. E esse sono se estendeu por todo o castelo. O rei e a rainha, que acabavam de retornar, começaram a dormir, e toda a corte com eles. Então dormiram também os cavalos no estábulo, os cães no pátio, as pombas no telhado e as moscas nas paredes. Ao redor do castelo começou a crescer uma sebe de sarças que se fazia cada ano mais alto e que, finalmente, rodeou todo o castelo de forma que já não se podia ver. Entretanto, pelo país do formoso jovem adormecido correram rumores de que, de tempo em tempo, apareciam princesas que queriam entrar no castelo através do sarçal. Mas não o conseguiam porque os espinheiros se entrelaçavam como mãos e as princesas ficavam presas neles e morriam horivelmente. Depois de muitos, muitos anos chegou ao país outra princesa e ouviu como um homem velho falava do sarçal que devia esconder detrás um castelo no que um muito formoso príncipe dormia desde fazia já cem anos.

«Então disse a princesa: "Eu não tenho medo; quero entrar e ver o formoso jovem". Mas o homem velho não podia saber que a princesa era, na realidade, um vampiro, e, assim, pôde transformar-se em morcego e sobrevoar o sarçal. Entrou no pátio do castelo e viu os cavalos e aos cães dormindo. Quando entrou no palácio, as moscas dormiam nas paredes. Então seguiu andando e viu na sala a toda a corte que dormia no chão. Ao fim, chegou à torre e abriu a porta da pequena câmara em que dormia o príncipe. Ali jazia ele, e era tão formoso que ela não podia apartar seus olhos; então se inclinou e lhe deu um beijo de vampiro. Um momento depois ele abriu os olhos e a olhou amavelmente. Não demorou muito em converter-se também em vampiro, e viveram felizes até o fim de seus dias.»

— Eu conheço essa história — disse Anton. Era o conto da Bela Adormecido.

— Mas minha versão é melhor! — riu Anna.

— Esqueceste da corte — disse Anton. E do rei e a rainha. Viraram também vampiros?

—Bom, disse, queria te perguntar precisamente isso. Não te parece que seria muito... espantoso?

— Por quê? — disse Anton. Ao fim e ao cabo hoje ninguém acredita em vampiros...

— O que? — bufou indignada Anna. Ninguém acredita em vampiros? E você? Acaso você não crê em nós?

— Sim, sim — disse rapidamente Anton. Eu, sim, naturalmente! Mas os outros...

— Que outros?

— Ai..., todos!

— Todos?

Anna parecia sobressaltada.

— E eu pensava tinham medo de nós!

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Ora! — denegou com um gesto Anton. O que vai!... Sabe uma coisa? — seguiu em voz baixa. A semana passada, nós tivemos que escrever uma redação. O tema era: «Uma experiência horrível». Levantei-me e perguntei a minha professora se podia escrever sobre vampiros. «Sobre vampiros?», riu ela então, de tal modo que todos puderam ouvi-lo. «Mas se os vampiros só existem nos contos. Não, Anton, no terceiro ano tem que escrever sobre algo que aconteça na vida real!»

— Vá tia! — soprou desarmada Anna. E então sobre o que escreveu?

— Ora! — disse Anton. Utilizei algo que tinha visto na televisão.

— E bem? Deu-se conta?

— Não. Conte-o com muito realismo: pôr-me um «notável alto».

— Que nojento! — exclamou Anton. Por uma história de vampiros lhe tivessem escrito um «muito deficiente»!

— Seguro.

— E seus pais? —perguntou Anna. Acreditam em vampiros?

Anton sacudiu a cabeça.

— Eles menos que ninguém. Mas gostariam de lhes conhecer.

— A quem?

— Ao Rüdiger e a ti. Estão convidados a tomar café.

— De verdade? — resplandeceu Anna. Então vou conhecer enfim a seus pais, Anton! — ficou a dar Palmas e deu um salto no ar. São tão simpáticos como você?

— Bom... —disse timidamente Anton.

— Quando será?

Para azar, Anton disse:

— Na próxima quarta-feira. Crê que Rüdiger virá também?

—Tenho que perguntar-lhe em seguida — exclamou Anna, saltando ao suporte da janela. - Adeus, Anton, até na quarta-feira!

Já estendia seus braços.

— Um mo... momento — gaguejou ele. De verdade virão?

— Disso me encarrego eu! — gritou ela.

Logo desapareceu.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Cap. XVIII

Os últimos preparativos

— Vêem Anton — disse a mãe na quarta-feira seguinte—. Ajude-Me a bater a nata.

— M... mas é muito cedo — protestou Anton.

— Muito cedo? — disse a mãe. Já vai dar quatro.

— Apesar de tudo..., meus amigos sempre dormem a sesta.

— A sesta?

A mãe o olhou de soslaio.

— Você não quer que eu creia nisto!

— Sim, sim! Questão de saúde sabe?

Minha mãe! Não tinha pensado absolutamente que os vampiros não se levantariam até depois de ficar o sol..., e isso significava que não poderiam estar ali antes das oito! E sua mãe estava pondo já a água para o café e esquentando leite para o cacau...

— Ouça, mamãe — murmurou Anton pondo um rosto compungido. Tenho que te dizer algo...

— Sim?

— Da visita..., bom, não virão até as oito.

— Como? —exclamou a mãe. Às oito? Mas se a essa hora você já está na cama!

— Sim, disse tímido, sei...

— E Rüdiger e Anna? Não têm eles que estar as oito na cama?

—Eles não! — disse Anton, mordendo os lábios para não rir.

— Estranho comportamento — grunhiu a mãe sacudindo a cabeça. E o que será do nosso café? — Assinalou a cafeteira e a chaleira do leite sobre o fogão. Agora que estava tudo preparado!

— Pode-o deixar para mais tarde — propôs Anton.

— Deixá-lo para mais tarde? Às oito não posso tomar café.

— Por que não?

— Porque então não posso dormir — disse zangada.

— Então por que você insiste em tomá-lo?

— Não seja fresco! — aborreceu-se sua mãe.

— Pois tome o agora — disse Anton— e depois, às oito..., suco de maçã!

Tirou a chaleira do fogo e verteu a água fervendo no filtro do café.

— E como vais levantar amanhã para ir ao colégio?

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Ora..., por uma vez!

Jogou o cacau em pó no leite.

— Pois eu não estou de acordo com isso, disse ela, e só consinto isso hoje porque quero conhecer de uma vez a seus estranhos amigos.

Anton suspirou aliviado.

— E o bolo? —perguntou ela.

— Né..., me posso comer isso eu — disse Anton.

A mãe havia tornado a comprar merengues; desta vez oito peças.

Ao fim e ao cabo, ele se tinha ficado sem nenhum quando Udo os escondeu diante de seus narizes!

— Está bem, dois tiquinhos — disse ela. Para esta noite faremos salgadinhos de queijo. Ajuda-me?

— Claro!

Anton tirou um peso das costas! Sua mãe não só tinha aceito que seus amigos não viessem até as oito..., agora lhe deixava comer duas partes extra de bolo!

— Aqui tem; também pode beber o cacau — disse ela lhe oferecendo a jarra inteira.

Bom, bom! Isto começava bem!

Anton agarrou a jarra de cacau e os merengues e se foi para seu quarto. Por sorte já tinha terminado os deveres e podia ficar lendo.

E em três horas e meia..., chegariam os vampiros!

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Cap. XIX

Semana Cultural

Pouco depois das oito tocou a campainha. Na última meia hora Anton tinha cuidado do relógio ao menos dez vezes, e ao ouvi-la sentiu uma grande alegria.

Se tudo saísse bem! Teria vindo também Rüdiger? O que diriam seus pais?

De qualquer forma, tudo resultava tão tremendamente excitante que as pernas do Anton tremiam quando saiu ao corredor. Os pais já tinham aberto a porta.

— Boa noite! — era a voz estridente do Rüdiger, e imediatamente depois grasnou Anna:

— Boa noite.

— Boa noite! — respondeu a mãe dando um par de passos atrás. Mas entrem...

— Bom, já estão aqui — disse o pai sorrindo; mas sua voz soou um pouco assustada.

E realmente..., Rüdiger e Anna tinham um aspecto para assustar a qualquer um: puseram ruge nas bochechas, seus lábios estavam pintados de vermelho e sua pele, normalmente branca como a cal, estava coberta de pós de tom torrado..., mas tão mal aplicado que ainda apareciam manchas brancas por toda parte. Além disso, despediam um penetrante aroma de «muftí elegante».

— Para você! — disse Rüdiger, estendendo um ramo à mãe.

— Obrigado — murmurou ela examinando os ramos, que, claramente, tinham sido arrancadas de um sebe.

— Bonito, não? — disse Anna. Em nossa casa há muitíssimo!

— Pssst! — vaiou Rüdiger lhe dirigindo um olhar colérico.

Também Anton reconheceu os ramos: procediam das sebes do cemitério!

— As vou colocar em água — disse a mãe desaparecendo na cozinha.

— Onde está Anton? — disse o pai.

— Aqui — respondeu Anton, que tinha observado a prudente distancia como se desenvolvia a cena.

— Anton! — exclamou Anna ficando rubra. Como está?

— Eu, eu...? Bem —disse Anton, ficando também vermelho.

— Olá, Anton — disse Rüdiger lhe dando a mão, que o outro sentiu fraca e ossuda..., como a mão de um esqueleto! Era a primeira vez que Anton agarrava a mão de um vampiro, e estremeceu!

Em geral, os vampiros pareciam muito mais estranhos e inquietos que de costume, e Anton se deu conta de que tinham vindo a sua casa diretamente desde seus caixões..., e isso significava que ainda não tinham podido comer absolutamente nada! Rüdiger tinha um aspecto autenticamente débil e abatido!

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Não... não têm fome? — disse cauteloso Anton.

— Sim, disse Rüdiger, bastante...

— Então entrem! — disse o pai, esboçando um sorriso. Tudo está preparado... Espero que vocês gostem dos salgadinhos de queijo e o suco de maçã — acrescentou enquanto abria a marcha.

— Têm também leite? — sussurrou Anna.

Anton assentiu.

Os pais tinham posto a mesa com a baixela de porcelana, velas e guardanapos...

Só a visita não parecia estar de acordo com tanto luxo!

Isso mesmo pareceu pensar Anna, pois pôs uma cara compungida e deu uns passos, insegura, ao redor da mesa.

— Que bonito! — disse. Em casa nunca é assim.

— Pssst! — bufou o vampiro.

— Por que não posso dizê-lo — exclamou — se for verdade? Nós sempre comemos fora, sabe você? — dirigiu-se ao pai.

— Seriamente? — disse a mãe, que entrava nesse instante com o ramo de sebe.

Tinha arrumado os ramos que eram de desigual longitude e as tinha colocado em um floreiro.

— Comer sempre fora é muito caro — disse.

— OH, não, é muito barato! — respondeu o vampiro, sem poder reprimir uma gargalhada que deixou ao descoberto durante alguns momentos os seus afiados dentes de vampiro. Então tampou rapidamente a boca com a mão.

— Estes ramos têm um aroma estranho — disse o pai. Não querem que abramos uma janela?

— Não! Melhor não, disse a mãe, ou virão as mariposas.

— Mariposas? — riu Rüdiger. Mas são doces bichinhos!

— Arg! — exclamou a mãe.

— Ou morcegos. Têm umas caras tão bonitas!

— Brrr! —disse a mãe, agitando-se.

— Ou vampiros! — riu ironicamente Anna, mas isto foi muito para o Rüdiger, que estalou em gargalhadas. Como ao mesmo tempo tinha que tampar a boca com a mão, faltou-lhe ar ao pouco tempo, e começou a ofegar horivelmente.

— Estais bem? — perguntou a mãe; Rüdiger tossia cada vez mais.

— Espera! — disse a mãe.

Correu à cozinha e retornou com um copo de água.

— Aqui tem, beba isso. Ficar bem!

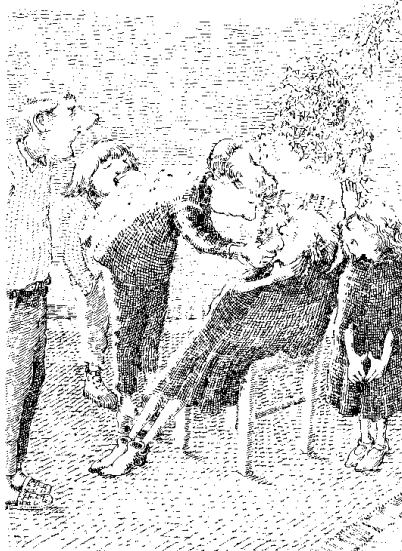
O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

Rüdiger gemia com tanta força que nem sequer se deu conta de que a mãe lhe punha o copo nos lábios. Mas apenas lhe tinha feito beber as primeiras gotas quando deu um coice e saiu correndo ao corredor, bufando.

— Pobrezinho! — exclamou a mãe correndo atrás dele.

Anna olhou ao Anton e riu.



— Bom, disse, água com o estômago vazio...

Nesse momento retornou a mãe.

— Está no banheiro — disse sussurrando. Se trancou.

— Trancado? — perguntou o pai.

— Sim. E o ouço ofegar terrivelmente.

Com toda tranqüilidade disse Anna:

— Só está com um pouco faminto.

— Faminto?

A mãe pôs cara de não entender nada.

— É que não comeu nada? — perguntou-lhe o pai.

Ela sacudiu a cabeça.

— E você tampouco comeu? Aqui tem Anna!

Alcançou-lhe a bandeja com os salgadinhos de queijo e Anna agarrou vacilante dois salgadinhos e os colocou em seu prato.

— Mas come! — animou-a.

— Não..., eu não gosto do pão — murmurou.

— O que? — riu ele. Bom, pois então coma só o queijo.

Anna sorriu aliviada. Meteu os trocinhos de queijo na boca e os tragou com deleite.

— Quer suco de maçã? — perguntou a mãe.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Não, obrigado, disse, dá-me dor de estômago, sabe você?

— Não quer beber absolutamente nada?

— Sim. Leite.

— Bem, disse a mãe ficando em pé, trarei um copo.

Ao chegar ao corredor lançou um grito.

— Rüdiger já não está aqui! — E Anton ouviu como corria nervosa de um lado a outro e abrir a empurrões todas as portas.

— Mas... como saiu de casa?

— Provavelmente pela porta — grunhiu o pai.

— Então teríamos que tê-lo visto! — exclamou ela.

— Possivelmente não olhávamos nesse momento.

— Não — insistiu a mãe. Se tivesse passado pela sala de estar teríamos visto!

— Então saiu voando — disse zangado o pai.

— Quem sabe? — disse a mãe. A janela do quarto de Anton estava aberta...

— O que? — exclamou Anton.

Não tinha deixado a janela aberta! Mas, naturalmente, isso não podia admiti-lo...

— Ah... eu a deixei eu aberta — disse rapidamente.

— Vê-o?! — disse o pai.

Se ele soubesse! Como quase sempre, sua mãe tinha razão; só que desta vez, desgraçadamente, não ia admiti-lo.

— Então não o vimos — disse a mãe sentando-se de novo, confundida.

— Ou sabe voar seu irmão? — perguntou o pai para a Anna.

— OH, não! — disse Anna.

— Pois então! Está imaginando coisas, Helga!

A mãe observava a Anna com um olhar muito particular.

Suspeitaria algo? Seu pai não se dava conta de nada, mas ela...

— E meu leite? — perguntou Anna.

— Ah, sim, o leite — disse a mãe. Anton é tão amável?

— Sim — grunhiu Anton.

— O leite é muito bom, disse Anna, e, além disso, põe forte.

— Aqui tem!

Mal-humorado, Anton colocou o copo cheio na frente dela.

— Obrigado — sorriu Anna, bebendo um gole.

Durante um momento ninguém disse nada. Depois disse o pai:

— Você também tem um disfarce de carnaval.

— Sim — assentiu Anna sem o menor acanhamento.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— E onde o celebram?

— Em privado — respondeu Anna, que parecia muito segura de si mesmo.

Anton lhe dirigiu um olhar de admiração. Nem sequer a ele tinha ocorrido uma resposta melhor!

— Eu gostaria de ver que aspecto tem sem disfarce — disse o pai.

O coração de Anton quase parou, mas Anna só se encolheu de ombros com indiferença e disse:

— Quase exatamente igual. Talvez um pouco melhor.

— Um pouco melhor? — exclamou o pai rompendo em uma sonora gargalhada. Presumida não é, absolutamente!

— Não — disse Anna.

— E tímida tampouco!

— Só às vezes — disse Anna, lançando um olhar ao Anton.

— E sempre vão juntos ao carnaval, seu irmão e você?

— Sim. Fazemos quase tudo juntos.

— E não brigam de vez em quando?

— Sim — disse Anna; em algumas ocasiões temos opiniões bastante diferentes.

— Ah, sim? E em que coisas?

— Ah, em todas as que se referem as garotas. Afirmo que os meninos são mais valentes que as garotas.

— E não o são? — perguntou o pai.

— Como diz? — vaiou Anna. Acaso você também é um desses?

Seu rosto se havia posto vermelho de indignação.

— Bom, se defendeu o pai, deve admitir que a maioria das garotas preferem colocar bonitos vestidos a subir às árvores e sujar-se.

— O que? — exclamou Anna. Isso não é verdade! Por que as garotas precisam colocar roupas bonitas? Porque suas mães a puseram! E por que não sobem às árvores? Porque lhes proibem manchar a roupa!

— Certo — assentiu a mãe.

— Mas os brinquedos... — disse o pai. Os meninos jogam com carros e as garotas com bonecas!

— Parece-me que meu caixão não fecha bem! — exclamou desarmada Anna. Você não tem nem idéia.

— O que diz você, Anton? — perguntou o pai.

— Eu?

Anton vacilou.

— Acho estúpidas às garotas que sempre riem e se deixam cair em seguida ao chão quando jogam bola.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— E eu acho estúpidos aos meninos que dizem sempre que as garotas não podem jogar futebol — declarou Anna.

— Seu irmão é um desses? — perguntou a mãe.

Anna assentiu.

— Além disso, nosso vampiro primitivo foi uma mulher! —disse ela.

— Como? Seu vampiro primitivo? — riu o pai. Também fostes civilizando com o tempo?

O sangue de Anton ferveu. Anna tinha mentido se enrolado!

Mas Anna não era tão fácil de desconcertar.

— Quero dizer, naturalmente, nosso vampiro mais antigo, corrigiu, que é, precisamente, minha avó. Chama-se Klothilde Hermine Sieglinde Charlotte Sabine Vampir von Schlotterstein!

— Um nome muito sonoro — disse o pai.

— Só que muito comprido, disse Anna, e por isso, precisamente, o diminuímos.

— Uma engraçada a sua família! — disse o pai rindo.

— Você crê? — disse Anna com gesto ofendido. A maioria dos que nos conhece não pensam assim!

— Não? — disse o pai. Como então?

— Isso, falou Anna com soberania, prefiro não dizê-lo. E agora tenho que partir.

— Já? —perguntou o pai.

— Sim.

Levantou-se e alisou sua capa.

—Mas voltará logo, não? — disse o pai. Senão Anton ficará muito triste — acrescentou.

— Seriamente? — disse Anna lançando a Anton um tenro olhar. Sim, então...

Um vermelho escuro lhe subiu ao rosto e, rapidamente, deu a volta e saiu ao corredor.

— Alto! — exclamou o pai. Vai em direção contrária! A porta da casa está à esquerda.

— Ah, vá — disse Anna.

Guiada pelo costume, ia sair voando da janela do Anton! Mas agora caminhou corajosamente até a porta da casa, despediu-se e desceu no elevador.



Epílogo

— Uma garota simpática! — disse o pai quando já estavam de novo sentados à mesa. O que te pareceu, Helga?

— A mim? Eu a achei um pouco estranha.

— Estranha? Por quê?

— A cara tão pálida..., a ridícula capa..., a voz...

— E o que te pareceu Rüdiger? — perguntou.

— Rüdiger? Ainda pior! Com seus olhos injetados em sangue e os dedos ossudos...

— Bom, mas são meninos ao fim e ao cabo — disse o pai rindo. Te deixa intimidar muito facilmente!

— Como diz? — riu Anton.

O pai jogou um olhar de recriminação.

— Você não diga nada! — disse. Ao fim e ao cabo foi o primeiro em começar com as frescuras sobre vampiros!

— Eu? — exclamou indignado Anton. Houve vampiros na Idade Média!

— Ah, sim? — disse o pai. E como sabe você isso?

— Tenho lido.

— Em suas novelas de medo, não?

— Não. Na enciclopédia.

— Vá, isso me interessa — disse a mãe. Vem em nossa enciclopédia?

— Nnnn... não — gaguejou Anton; é... na do colégio.

— Mas de todas as formas posso olhar a nossa — disse ela, indo a biblioteca.

Tirou um volume, folheou-o e leu em voz alta:

— Vampiros: na crença popular, mortos vivos que saem de noite de suas tumbas para chupar o sangue dos vivos.

— Sim, sim, na crença popular! — disse o pai. Na crença popular, há, entretanto, não só vampiros, mas também...

—... bruxas, anões, fantasmas e fadas — disse Anton, que ainda se lembrava muito bem da primeira conversa que tinha tido com seus pais sobre vampiros.

— Já vê que não deve preocupar-se absolutamente, prosseguiu o pai, ou tem medo dos miúdos e os fantasmas?

— Não — disse zangada a mãe.

— E a próxima vez, seguro que Anna e Rüdiger estarão mais bonitos, não acha Anton?

— Bom... — disse Anton duvidando.

O PEQUENO VAMPIRO

Ângela SommerBodenburg

— Enfim..., tampouco têm por que voltar logo — disse a mãe.

— Seguro que Anton não está de acordo com isso! — riu o pai.

— Exato! — exclamou Anton.

Quase tinha engasgado com o bocado de queijo que acabava de meter na boca.

— E, além disso, acredito que é uma droga que me queiram proibir jogar com a Anna e Rüdiger.

— Não queremos te proibir absolutamente nada, esclareceu mãe, mas sim que possamos falar sobre seus amigos, ou não podemos?

— Sim — grunhiu Anton.

— A mim, de todas as maneiras, inquietam-me — disse — e se pensasse que existem realmente os vampiros... — aqui fez uma pausa e Anton viu como estremecia, então, certamente, que teriam a mesma pinta que Anna e Rüdiger!

O pai riu como se sua mulher tivesse contado uma boa piada.

— Mas vampiros não existem — disse — e por isso eles não são mais que dois meninos absolutamente normais que, simplesmente, fuçaram muito fundo no baú da avó.

Dito isto, agarrou dois salgadinhos de queijo e os comeu. Durante um momento ninguém falou nada. Então disse Anton:

— Por que se empenharam em conhecê-los?... Já os tinha prevenido!

— Sim, tinha-nos prevenido! — disse a mãe rindo. Possivelmente com o tempo me acostume a eles — disse finalmente.

— E Anton não contará nenhum disparate mais sobre vampiros e coisas do estilo, verdade? — disse o pai.

Anton contraiu a boca e riu ironicamente.

— Se você quiser... — respondeu.

O pai seguia, como antes, sem ter a mais remota idéia, e a mãe terminaria por tranquilizar-se também! Melhor não podia ser!

— Eu..., agora vou dormir — disse alegremente. Boa noite.

— Boa noite — responderam seus pais.

Sentindo uma profunda satisfação se meteu na cama e se tampou até cabeça com o cobertor.